

Cem anos de Indústria Conserveira em Lagos

- a memória em imagens -



1º Congresso da Associação de Municípios Terras do Infante
Centro Cultural de Lagos - 23 de Março de 2019

Francisco Castelo
Fototeca Municipal de Lagos



U.T.C.C.T.
D.E.C.C.A.S
Câmara Municipal de Lagos



Versão integral da comunicação apresentada em versão reduzida no 1º Congresso da Associação de Municípios Terras do Infante, realizado no dia 23 de Março de 2019, no Centro Cultural de Lagos.

É objectivo desta comunicação apresentar uma sùmula das empresas de conservas de peixe e da distribuição das suas unidades fabris no território do município de Lagos, recorrendo ao auxílio de imagens. Dessa proliferação de empresas e fábricas se extrai uma prova da importância económica e social desta indústria, no decurso de um período relativamente recente da história de Lagos.

Ressalva prévia: As considerações sobre as condições do operariado, as vicissitudes dos empreendimentos e as causas do declínio da indústria, ou outros aspectos de carácter económico, antropológico ou social aqui mencionados, não são resultado de estudos realizados pelo autor, nem procedem a um ponto de situação sobre o estado actual do conhecimento sobre esta matéria. São, apenas, elementos auxiliares à compreensão das imagens.

Nota: Esta não é uma versão final sobre a matéria em apreço, já que novos dados e contributos produzirão alterações consideráveis ao conhecimento sobre o assunto.

Quaisquer contributos ou questões podem ser submetidos através do contacto de correio: fototeca@cm-lagos.pt

Ao longo da História o ser humano teceu várias relações com o mar, destacando-se:

Captura de espécies para alimentação

O mar como via de transporte

O mar como objecto de lazer

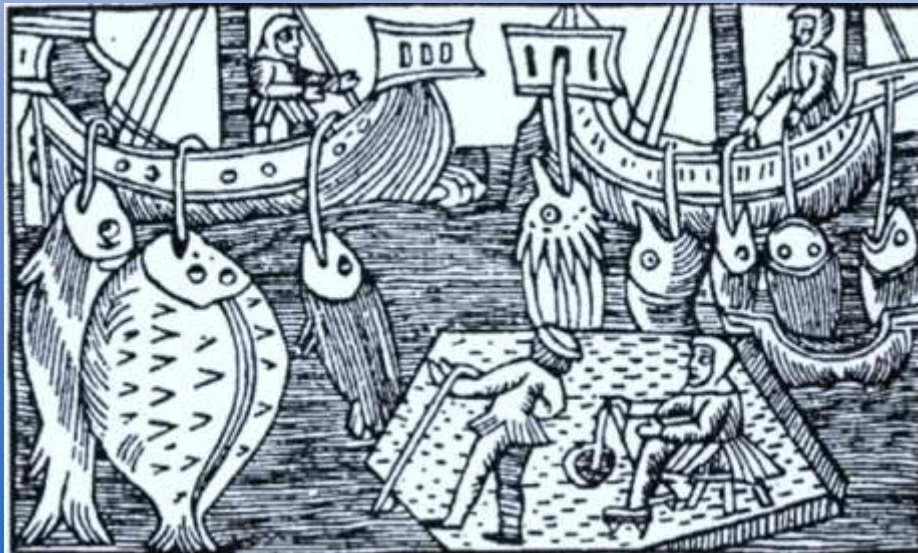
O mar como fonte de energia

«Logo nos inícios da era, começa a ser ocupada, no troço final da margem direita da Ribeira de Bensafrim uma área hoje abarcada pelo centro histórico da cidade de Lagos, situada entre as ribeiras dos Touros e das Naus (...) nela se constituiu um importante complexo fabril ligado ao mar, com uma relevante produção de preparados piscícolas, testemunhada pelos numerosos conjuntos de oficinas com lagariças de salga e produção de derivados do pescado... »

MORÁN Elena “Notas sobre testemunhos de povoamento antigo em Lagos”



Cetárias da Rua Silva Lopes in “Conservas de peixe na Lusitânia...”



Gravura de 1555 - “European Fisheries History”

«Lagos, é o mais importante centro de exportação de conserva de atum no século XVI. Aqui acorrem barcos que se aprovisionam de peixe salgado, designado por *tonnina* e que se destinam ao Mediterrâneo...»

REBELO M. J. F. 2010

«No reinado de D. João III, as actividades piscatórias aumentaram muito em Lagos, sendo também o principal sustento económico dos moradores, juntamente com a produção de sal, que era essencial para a conserva do peixe (...). A abundância de peixe conduziu à criação de um novo órgão administrativo em 1562, que se denominou de Feitoria das Almadras.»

PEREIRA D. 2013

O Início

A preservação de alimentos recebeu um importante contributo com a invenção de Nicolas Appert que, em 1809, criou um método de conservação de alimentos submetendo-os à acção do calor em recipientes (de vidro) hermeticamente fechados: a esterilização.

Em 1810 o comerciante inglês Peter Durand regista a patente da conservação de alimentos em latas de ferro estanhado. A junção das duas técnicas, esterilização em latas herméticas, constituiu o princípio de uma nova epopeia industrial.



Napoleão assiste à demonstração da invenção de Nicolas Appert

<http://camisasemarias.blogspot.com/2012/04/invencoes-na-era-napoleonica-c-series.html>



Uma das latas de Peter Durand

<http://madeupinbritain.uk/Can>



https://www.geocaching.com/geocache/GC647G8_parodi?guid=2789644d-7c6a-48c8-b00d-211c8fe1e5c4

No final do séc. XIX surgem no Algarve as fábricas de conservas de peixe. A primeira, do italiano Angelo Parodi, foi instalada em Vila Real de St. António em 1879; e a partir daí foram surgindo mais fábricas, grandes e pequenas.

O Início

Não se sabe exactamente quando se iniciou a pesca do atum organizada e em larga escala, provavelmente já seria desenvolvida pela importante colónia fenícia de Cádiz. Certo é que a partir do século XIV abundam referências às almadras do Algarve e da Andaluzia, que representavam uma importante fonte de receita para as respectivas coroas. É igualmente curioso notar que, pelo menos no caso português, no período inicial (e até ao século XVII) as almadras eram frequentemente exploradas por sicilianos e genoveses. Não sabemos quantas almadras terão existido nesse período, nem quais as cifras das capturas anuais, no entanto é elucidativo o facto de em 1499 ter sido emitida uma ordem régia para a construção em Lagos de pias de salga com capacidade para 3.000 atuns. Citação adaptada, de: “O ATUM E O ALGARVE” - Parceria das Conservas em <https://parceriadasconservas.wordpress.com/2014/05/04/o-atum-e-o-algarve/>

A produção de alimentos em grandes quantidades colocou, desde logo, o problema da sua conservação. No caso do pescado, as técnicas de secar, com ou sem fumeiro, e a salga e salmoura terão sido das primeiras utilizadas, estendendo-se essas técnicas milenares até aos dias de hoje, ainda que por motivos de tradição e preferência gastronómica, já que no séc. XIX duas importantes invenções alteram o paradigma da conservação de alimentos: a esterilização, inventada pelo francês Nicolas Appert e a lata de conserva, inventada pelo inglês Peter Durand.

À imagem do que aconteceu com outros centros piscatórios da costa portuguesa, Lagos também foi palco dessa indústria que em finais do séc. XIX já se tinha afirmado por toda a Europa marítima, mas que deparava nalgumas regiões com uma inesperada falta de pescado (sobretudo nos mares da Bretanha, mas também no mar Cantábrico e, até, no Mediterrâneo), situação que traria ao litoral algarvio a dinâmica empresarial e o conhecimento técnico de franceses, gregos, italianos e espanhóis.

E cerca de duas décadas após o início deste influxo empreendedor estrangeiro em terras lusas a questão da mingua de pescado noutras paragens é referida numa intervenção no Senado da República em 1911:

«...Suponha V. Exa. que os futuros concessionários, embora com o nome de portugueses, tinham uma testa de ferro portuguesa; mas que eram estrangeiros; e como todos sabem que nas costas de Espanha está rareando o peixe de toda a qualidade, podiam os capitais espanhóis vir concorrer, com o nome português, e isso seria muito mais perigoso, porque as nossas armações produzem peixe que é destinado à classe pobre e à indústria de conserva. Imagine V. Exa. que, passando êle para a mão de estrangeiro, embora com o nome de português... era exportado para Espanha?! Era a fome nas classes pobres do Algarve e a nossa indústria de conserva decairia imediatamente.» Excerto de uma intervenção sobre “Arrematação em hasta pública dos locais para as armações de pesca” fonte: *Diário do Senado, Sessão de 6 de Dezembro de 1911.*

in RODRIGUES Joaquim Manuel Viera “O Algarve e a Grande Guerra - a questão das subsistências (1914 – 1918)” Dissertação de Doutoramento em História – F.C.S.H. Univ. de Lisboa, 2010

Eis a justificação para o surgimento das fábricas de conservas de peixe em azeite, pela mão de empresários estrangeiros.

Fábricas existentes em Lagos em 1890
segundo Inquérito Industrial realizado nesse ano

Frederic Delory (inic. activ.1882) na Ribeira média diária de 72 operários média 250 dias de trabalho p/ano	Polier Frères no Rossio de S. João média diária de 78 operários média 200 dias de trabalho p/ano
J. Labrouche na Rua Porta de Portugal (actual Mercado Municipal) média diária de 86 operários média 200 dias de trabalho p/ano	Fábrica de S. João (fund. 1886) "Soc. Mercantil de S. João" no sítio da Ponte média diária de 102 operários média 300 dias trabalho p/ano

RODRIGUES J M V 1997

Parque conserveiro no Algarve
(1907-1908)

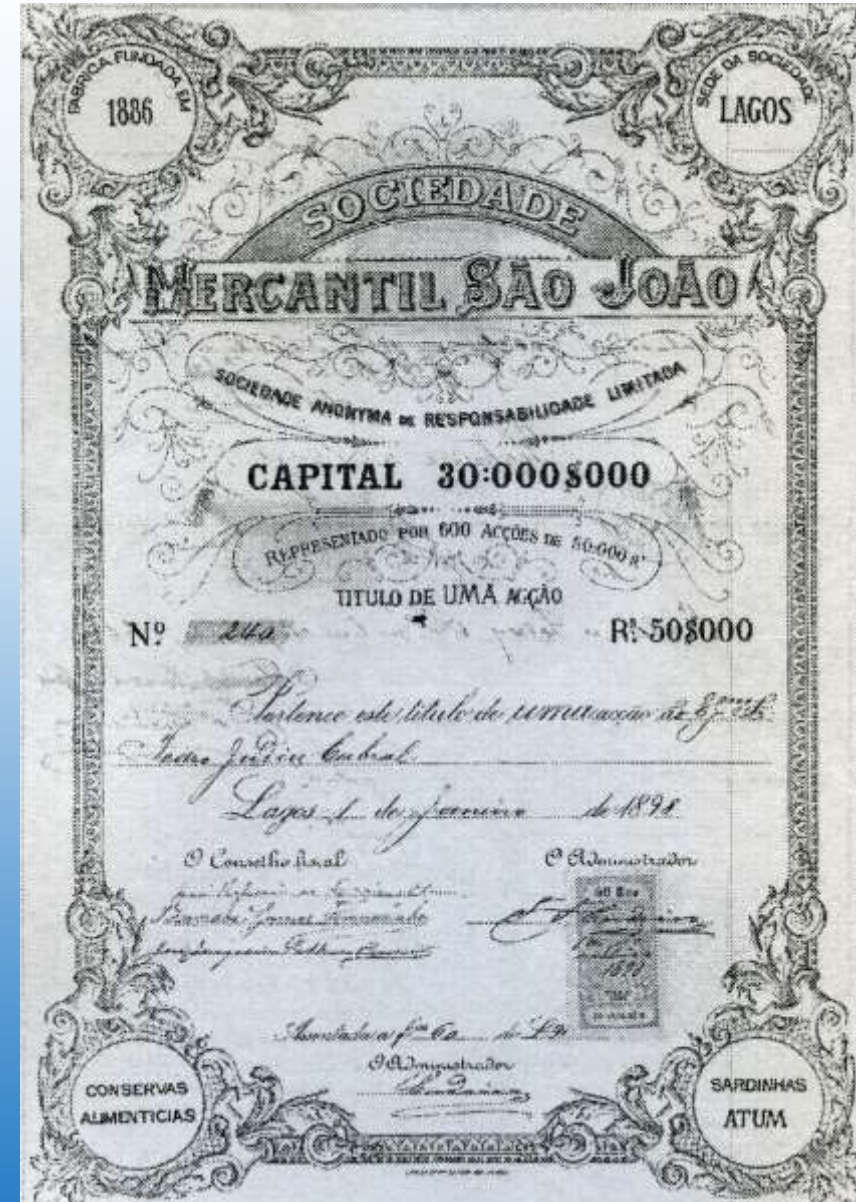
Nº de fábricas	33		
Nº médio de operários	3.100		
Capital fixo	300 contos		
Capital circulante	520 contos		
Custo da matéria-prima	600 contos		
Valor dos produtos	1.200 contos		
CENTROS	Nº Fábricas	Produção (t)	Valor (contos)
LAGOS	10	2.250	200
PORTIMÃO	3	703	68
ALBUFEIRA	1	235	21

Estamos nos primórdios da indústria conserveira em Lagos e o quadro acima apresenta uma relação das fábricas existentes em Lagos, em 1890. Aparentemente, apenas uma delas é de capitais exclusivamente portugueses, a Sociedade Mercantil de S. João. Neste quadro é referida uma "média diária de operários" porque o número de operários envolvidos podia variar consoante a quantidade de peixe adquirida, o que significava que nem todo o pessoal poderia ter trabalho, como atestam estes números de média de dias de trabalho por ano. Na ausência de trabalho as operárias podiam ser "emprestadas" a outras fábricas.

Pelo menos até à Primeira Grande Guerra, Lagos foi o maior centro conserveiro do Algarve, depois suplantado por Olhão.

Em 1903, a produção de conservas das 8 fábricas de Lagos atingiu as 1500 toneladas (com valor de 500 contos) exportadas para Inglaterra, Estados Unidos, Rússia e Bélgica.

A produção de salga de sardinha atingiu as 112 toneladas (com valor de 36 contos), exportadas para Itália, Grécia, e um pouco para a Áustria-Hungria. Já o óleo de peixe ia todo para Hamburgo e o adubo era usado na agricultura local e regional. [RODRIGUES JMV 1997]



Título de acção da Sociedade Mercantil S. João - 1898

Localização das fábricas existentes em Lagos entre 1882 e 1986
Algumas localizações são hipotéticas

Este mapa dá-nos uma ideia da distribuição das fábricas ao longo do tempo, e embora tenhamos recenseado mais de 70 referências fabris, sabemos que Lagos teve, no máximo, 29 fábricas a trabalhar em simultâneo (1925), embora o seu número total ronde as 5 dezenas, se contabilizarmos as Estivas como fábricas – opção que se afigura correcta.

- 1 – S. Gerardo - dos Veigas > J. M. Bexiga > J. A. Pimenta
- 2 – Fáb. Ribeira - F. Delory > Reinaldo Assunção
- 3 - Estiva de Francisco Elías Ramos
- 4 – Paolo Cocco
- 5 – Estiva de Parreira Cruz
- 6 - D. N. Charalampopoulos (?)
- 7 – Estiva do Paolo Cocco
- 8- George Fandopoulos (?)
- 9 - Francisco Sebastião Marreiros
- 10 - Estiva e Fáb. Farinhas anos 50/60 (antes arraial do Fialho)
- 11 – Fáb. S. Roque
- 12 – J. Labrouche > Porta de Portugal
- 13 - Olivas & Januário > Aldite > Aldibel
- 14 – Manuel António Cristiano

- 15 – Piedade > Farinhas de peixe do Carrasquinho
- 16 - Fáb. Freitas
- 17 – Fáb. Fialho
- 18 - Balança e Taquelim (?) > Balança & Anello (?) > Baía de Lagos
- 19 - Convento Srª da Glória - Mario Gonçalves e Figueiredo (?)
- 20 – Benjamin Taniou > Alpapito, Murtinheira, Arez & Cª Lda.
- 21 – Pierre Charles Chancerelle, Silva, Oliveira & C.ª > Silva, Oliveira & C.ª
- 22 - São Vicente
- 23– Mecânica de Conservas de Peixe, de Ant. Afonso C. Marreiros (?)
- 24– Luís Nunes
- 25– Aliança Fabril Lacobrigense > António Csrmto Leal > Abel Figueiredo Luís
- 26– Frederic Delory (2ª fábrica) "da Palmeira"
- 27 – Estiva Jorge Novak
- 28 – Companhia Industrial de Conservas Lda. > Algarve Exportador

- 29 – Lucas e Ventura, Sociedade Mercantil de Conservas - (integ. Algarve Exportador)
- 30 – Canelas - Canelas e Marreiros - Teodoro Canelas (integ. no Algarve Exportador?)
- 31 - António Maria Parreira Cruz - Francisco Sebastião Marreiros (??)
- 32 - Fáb. Canelas (?) > UCAL, União Conserveira do Algarve (Luís Nunes)
- 33 - D. A. Pappaleonardos (estiva da Grega)
- 34 – José Batalim, Tempera, Silva & Cª
- 35 – Sociedade Mercantil S. João (depois MODIRE)
- 36 – J. A. Pimenta (encerror em 1986)
- 37 – Estiva do Moraes (?)
- 38 – Fáb. Jorge
- 39 – Fáb. Molião, de Rosendo & Cª Lda.
- 40 - Luz Industrial, Lda. / Empresa Industrial da Luz (P. da Luz)

Fábrica S. Gerardo: Irmãos Veiga > Joaquim Bexiga > José d'Abreu Pimenta

No local hoje ocupado pelo Clube de Vela de Lagos, estendendo-se até ao espaço onde se encontra a estátua de S. Gonçalo, lugar conhecido como Chão Queimado*, foi implantada esta fábrica por volta de 1924.



A Fábrica S. Gerardo Lda. empresa constituída em 16 de Outubro de 1923 [RODRIGUES JMV 1997] pertencia aos irmãos Veiga (Francisco, António e Belchior), e depois passou para Joaquim Marques Bexiga Júnior, e em 1947 para José d'Abreu Pimenta, que teve de a relocalizar no início dos anos 60, em resultado da alteração produzida naquela área ribeirinha com a construção da Avenida dos Descobrimentos inaugurada em 1960 no âmbito das comemorações henriquinas.

*Numa referência ao sítio do fumeiro de peixe de Vicente Vaz Queimado que figura em mapa de 1556 (atribuído a Miguel Arruda). O sítio tanto pode ter recebido o nome devido ao apelido de Vicente Vaz Queimado, como este recebido a alcunha "Queimado" (que terá passado a apelido), devido ao aspecto do local em consequência do seu uso como fumeiro: um chão permanentemente queimado. O que valida também igual topónimo para a porção de terreno adjacente, mais elevado, a Sul (onde hoje se encontra o parque de estacionamento), também conhecido pelo topónimo "Chão Queimado" e onde na mesma época do séc. XVI existiu um fumeiro de outro proprietário, indicado no mesmo mapa, mas que devido à sua má condição não se consegue perceber o nome.



“Fábrica da Ribeira”: Frederic Delory > Reinaldo Assunção



Enlatando biqueirão, anos 60



anos 60



c. 1965



anos 90

Segundo a planta da cidade de 1924 (do capitão R. F. Rato) aqui esteve instalada a primeira fábrica Frederic Delory, que iniciou actividade em 1882. Outras fontes orais referem que terá pertencido, depois, a um industrial de nome Bezier. Posteriormente, Reinaldo da Assunção seria o proprietário desta unidade fabril que laborou até 1975/6.



2018

Fábrica de Paulo Cocco



Viatura da empresa Paulo Cocco participando em desfile de oferendas para o hospital anos 50.



Sardinhas secando nas grelhas, anos 50



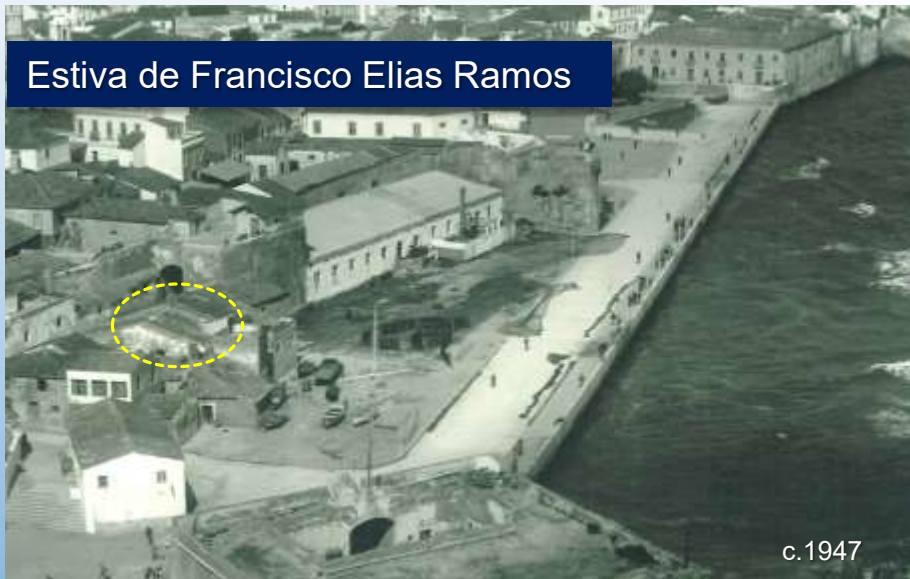
Edifício adossado às muralhas, identificado integralmente como a Fábrica do Paulo Cocco, no entanto numa fase inicial a unidade fabril poderá não ter ocupado todo aquele espaço, já que a sua planta de 1924 indica propriedade de Delory na confrontação Norte (lado do Alcácer).

Sabemos que a empresa do siciliano Paulo Cocco foi constituída em 1918 [in RODRIGUES JMV 1997] e que a sua fábrica terá encerrado em finais dos anos 50; que se estabeleceu em Lagos com duas unidades fabris a que adicionou uma pequena frota de traineiras. Posteriormente também estabeleceu unidades fabris em Olhão, Lisboa e Ílhavo.

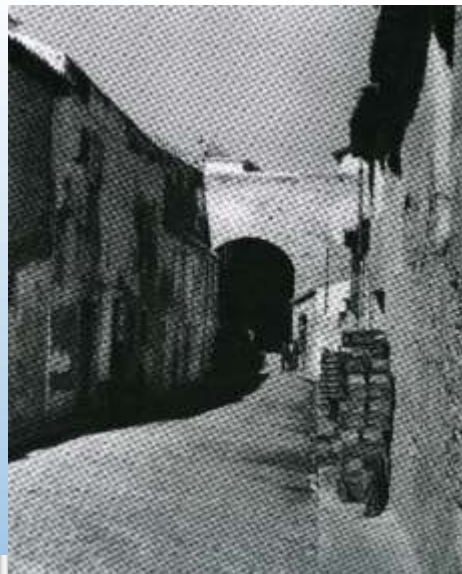
Na foto acima, de 1947, atente-se às redes das traineiras estendidas no chão em frente à fábrica (secando o banho de alcatrão com que eram protegidas?), o que poderá indicar que a fotografia foi registada durante o período do ano em que se preparavam as redes, e que coincidia com a inactividade das traineiras devido ao defeso da produção fabril (e conseqüente defeso da pesca), que ocorria entre 15 de Janeiro e 15 de Abril (posteriormente seria fixado entre finais de Novembro e 1 de Março?).



Estiva de Francisco Elias Ramos



c.1947



Estiva*, no contexto da indústria conserveira, o termo refere-se às instalações onde se procede à salga ou salmoura de peixe, quer para comercialização em sal ou cozido pela salmoura, ou para enlatar.

A Estiva é, para todos os efeitos, uma unidade fabril conserveira. Embora em muitas fábricas seja uma valência dessa unidade (quer na função quer nas instalações, diferenciadas), isso não invalida a Estiva enquanto unidade fabril isolada, que enlata em azeite o peixe cozido na salmoura.** Por isso a designação “fábrica de conservas em azeite” usada para diferenciar a unidade em que o peixe é submetido a processo de transformação pelo fogo (frito no azeite ou cozido no vapor ou na água), da unidade onde o peixe é submetido ao processo de salga ou salmoura, é inadequada. Em termos estruturais o único aspecto que diferencia a unidade “Estiva” da unidade “fábrica de conservas em azeite” é a ausência de caldeira, cozedor e chaminé na primeira e a sua existência na segunda.

Aspecto do “Bairro da Ribeira” c.1956



A Estiva de Francisco Elias Ramos [Anuário Comercial 1957, pág. 3468] esteve instalada junto ao arco de S. Gonçalo, e contou com várias operárias que ali laboravam na salga de sardinha.

* No Algarve é comum a corruptela “estiba” para designar estas unidades fabris, bem como “peixe estibado” para designar o peixe cozido na salmoura.

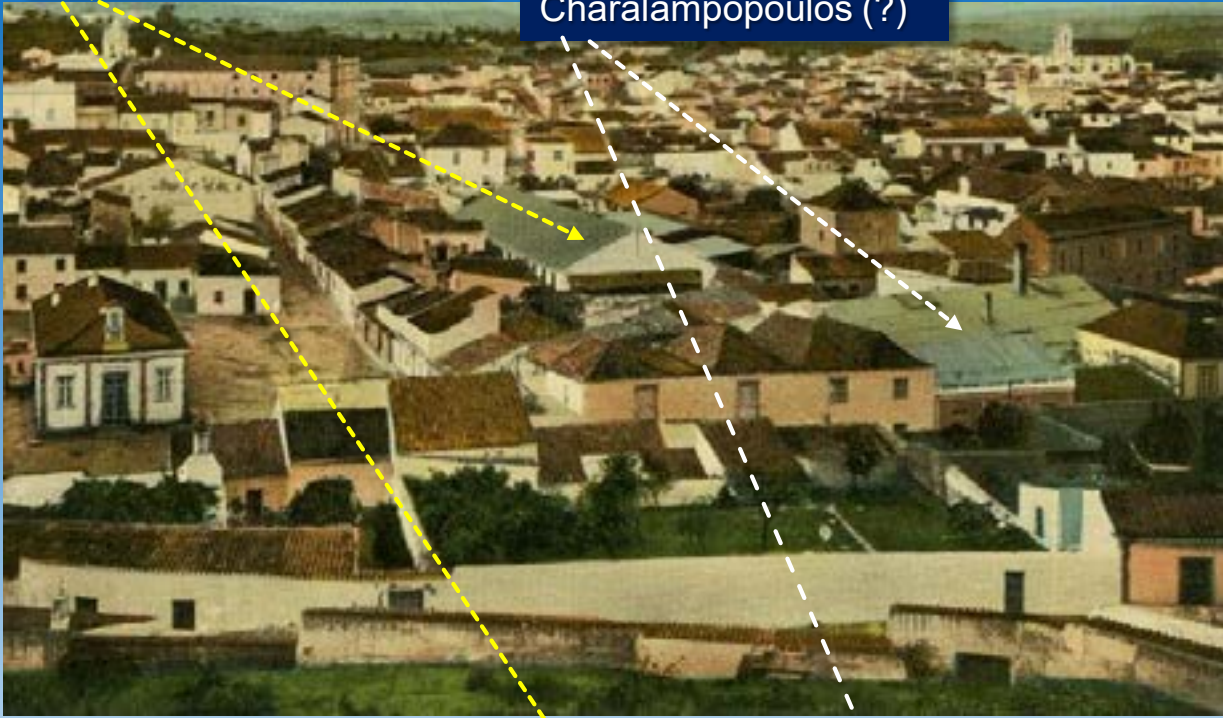
** Por volta de 1964, a Estiva de Paolo Cocco, em Olhão - situada no antigo Largo da Feira - contava com cravadeira para enlatar o biqueirão que ali era preparado através da salmoura.



2019

Estiva Paolo Cocco

Fábrica de D. N.
Charalampopoulos (?)



Estiva de António
M. Parreira Cruz

José Carlos Vasques referiu uma fábrica da família Parreira Cruz, situada em frente à garagem Gil Vicente (que outras fontes identificam como uma Fábrica do grego Charalampopoulos), mas Pedro Parreira Cruz (neto do proprietário) informou que a “fábrica” seria uma Estiva e estava situada na esquina da Travessa do Forno com a Rua 5 de Outubro. Nos anos 50 os pios desta estiva foram levados para a nova Estiva da Fábrica da Ribeira instalada no corpo sul daquele complexo fabril, propriedade de Reinaldo Assunção [testemunho de Delmiro Barros, que participou nessa tarefa].

Uma planta existente no processo da unidade de António Maria Parreira Cruz, da 5ª Circunscrição Industrial, situa a sua Fábrica a seguir à unidade da Companhia Industrial de Conservas (que veio a integrar a unidade da empresa Algarve Exportador), numa estreita faixa de terreno entre a Estrada Nacional 120 e a Ribeira de Bensafrim.

Face ao considerável número de plantas de localização de unidades fabris naquele espaço (entre a EN120 e a Ribeira, nas proximidades do espaço que viria a ser ocupado pela Fábrica Algarve Exportador), e sabendo-se que os processos de onde foram extraídas as plantas integram correspondência das respectivas empresas, resta-nos especular se se tratavam de outras unidades pertencentes aos mesmos proprietários ou se estas unidades terão alguma vez ocupado tal zona?! Porque existindo unidades fabris dos mesmos proprietários noutras zonas da cidade, integradas na malha urbana, os proprietários poderiam ter apenas manifestado intenção de deslocar as suas unidades do casco urbano – talvez por imperativos de salubridade pública? – e por isso feito constar novas instalações nos seus processos de cadastro (?).

Estiva de Gorge Fandopoulos ?

Estiva de D. N. Charalampopoulos (?)



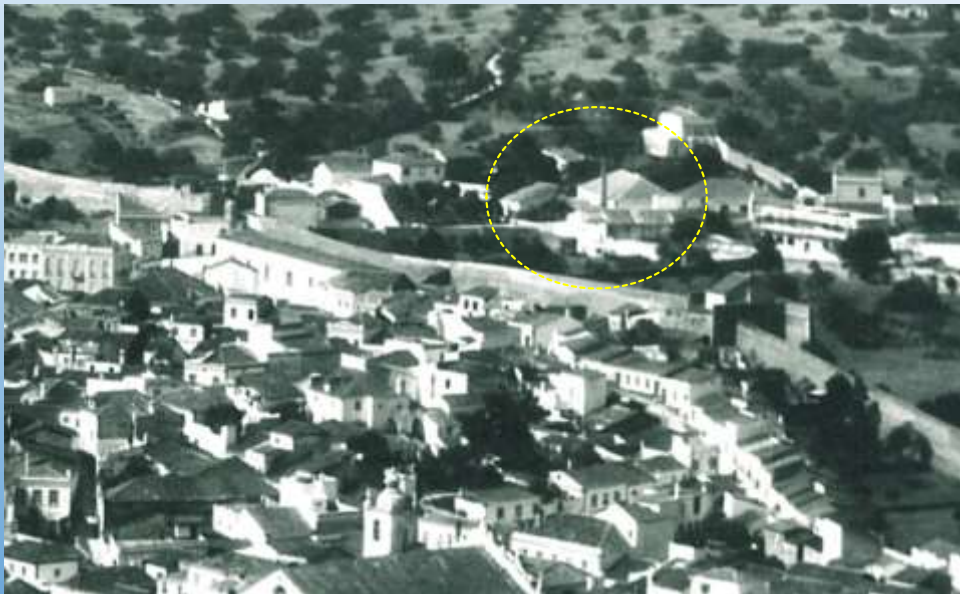
Biqueirão "estibado"



Existem algumas referências documentais a uma unidade fabril do grego Fandopoulos. E também existem referências orais à existência de uma fábrica ou estiva na esquina das ruas Marreiros Neto e Ferrador, localização que a imagem ilustra.

José Carlos Vasques referiu que os gregos Fandopoulos e Charalampopoulos (Charalampopoulos) eram vizinhos na rua do Ferrador. Porém, não ficou claro, naquele depoimento, se seriam vizinhos de habitação ou se as estivas é que eram vizinhas.

Fábrica de Francisco Sebastião Marreiros



Um processo do cadastro da 5ª circunscção industrial identifica a fábrica de Francisco Sebastião Marreiros na Rua Azevedo Coutinho (depois Rua Infante de Sagres) e refere o início de actividade desta unidade em 1922.



Arraial das armações do Fialho > Estiva e Fábrica de Farinhas de Peixe

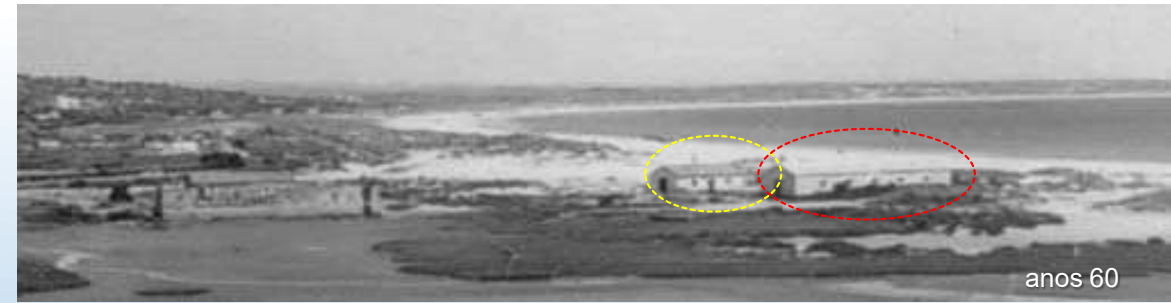


c.1936

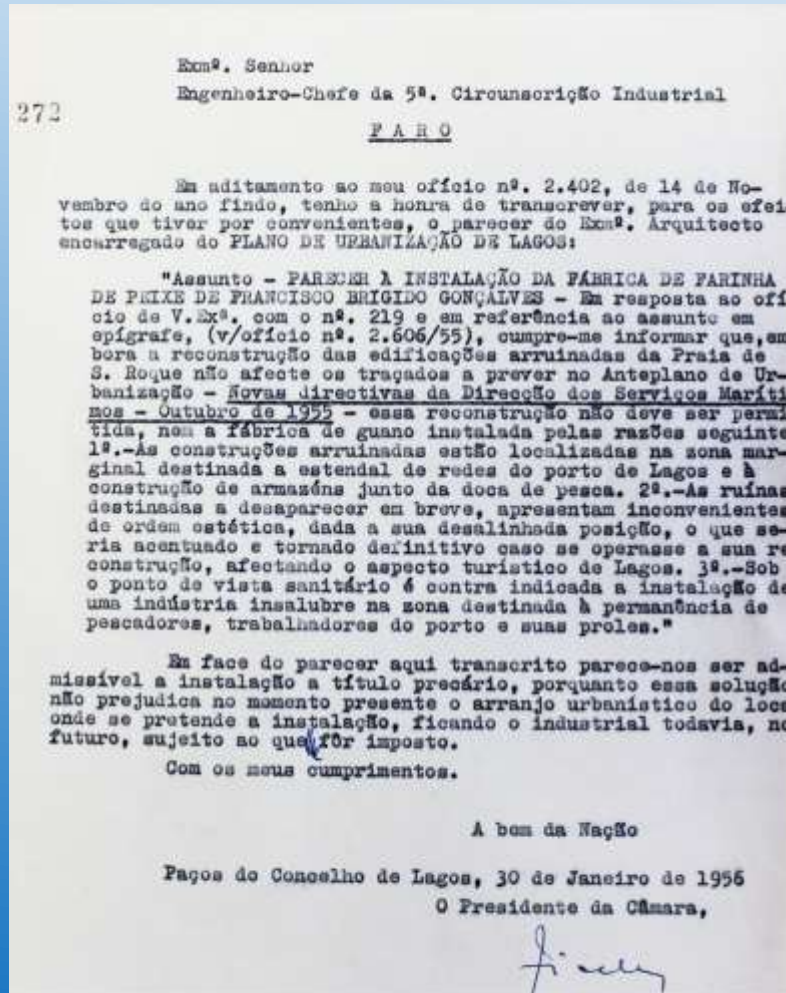
Em meados dos anos 50 e estendendo-se pelos anos 60 estes armazéns tiveram utilizações diferentes, um foi usado como Estiva por Reinaldo da Assunção e, eventualmente, pelas fábricas Aldite e Freitas (c.1955 e década de 60 (?); e o outro como fábrica de farinhas de peixe (desde c 1956 até meados dos anos 60?).

Ao lado, reprodução de ofício da Câmara Municipal de Lagos informando os serviços da Circunscrição Industrial de que iria autorizar a laboração da unidade transformadora, embora com carácter condicionado, dada a eventualidade de alterações na área em apreço.

José Santos, residente na Meia Praia, recorda a fábrica de farinhas que existiu no armazém maior, situado a Oeste, e que terá recebido obras de melhoria para aquela função. Joaquim Vicente (ajudante de motorista da enviada MILITA – casa Freitas) lembra-se perfeitamente da fábrica de guano e do edifício ter sido usado posteriormente como armazém do Freitas; Vivaldo Ribeiro (taxista reformado) também corroborou estes dados.



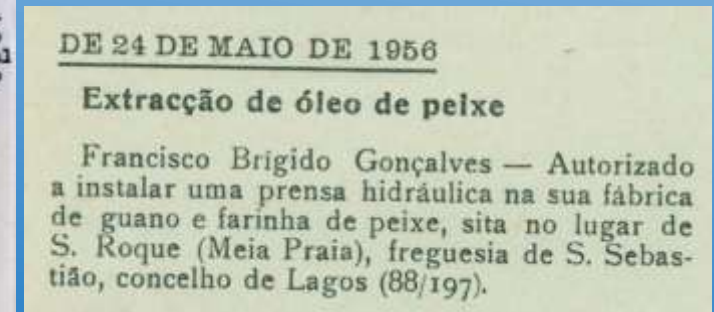
anos 60



Antigo armazém do Fialho que funcionou como estiva de Reinaldo Assunção

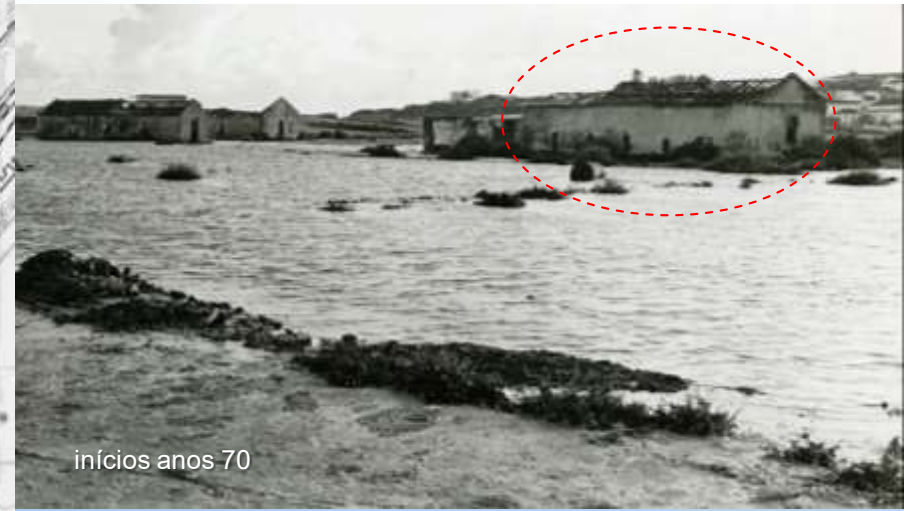


Antigo armazém do Fialho, onde funcionou uma fábrica de farinhas de peixe



in Boletim da Direcção-Geral dos Serviços Industriais

Fábrica de S. Roque

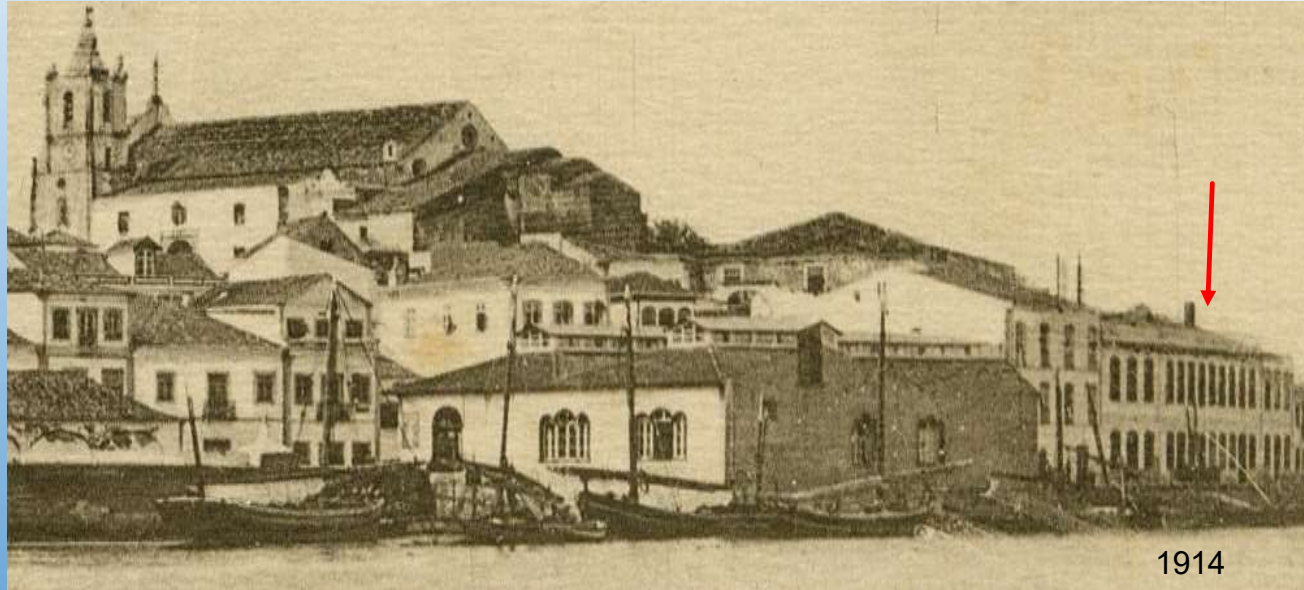


Implantada perto do local onde existiu a Ermida de S. Roque (fundada em 1499 por sicilianos e milaneses), esta fábrica estava situada no único espaço alguma vez previsto para “parque industrial conserveiro”, conforme consta em planta dos CTT, datada de 1961 - tendo por base o antepiano de urbanização, de 1957, coordenado pelo Arq. Miguel Jacobetty. De acordo com as disposições desse Antepiano, atente-se às áreas para “reparações navais”, “estendal de redes”, e “fábricas de conservas” adjacente à “doca de pesca” e perto do caminho-de-ferro, que escoaria a produção conserveira(?). Segundo José Santos a sua mãe (Rosa) trabalhou nesta fábrica, e lembra-se das visitas do patrão Freitas.



Abro um parêntesis para falar de toponímia local, no caso sobre a denominação da Meia Praia, frequentemente identificada como Praia de S. Roque, o que não é correcto. Um mapa 1787-89, de Baltazar Coutinho Banha, diferencia a praia de S. Roque, da Meia Praia. O sismo de 1755 terá encerrado o braço da ribeira conhecido como Barra de D. Joana, por onde entravam e saíam embarcações (no mapa, a vermelho, o hipotético traçado dessa linha de água), levando a que aquela antiga praia passasse a integrar a Meia Praia. Aliás, ainda não se encontrou qualquer documento antigo que identifique como Praia de S. Roque a frente de mar daquele areal, mas sim e apenas a porção interior, voltada para a cidade. Da mesma forma é errado denominar o Forte da Meia Praia por Forte de S. Roque, já que foram buscar esse topónimo àquela denominação errada da Meia Praia, e até porque o patronímico do forte da Meia Praia é S. José.

Fábrica de J. Labrouche > Porta de Portugal



«O jornal do dia 22.03.1928 dá-nos conta que a mendicidade enxameava a cidade aos sábados, principalmente, e que junto ao portão do quartel, dezenas de pobres esperavam a hora do rancho para disputarem as sobras. O bairro da Ribeira, de pescadores, era um bairro imundo. Causa próxima: Verificava-se uma grande crise nas indústrias de conservas de peixe com grandes dificuldades de exportação do produto, por isso a cidade decaía a pouco e pouco, estava estagnada. Razão de fundo: a falta de um porto de pesca.» MENDES JP 1994

Esta citação evidencia a fragilidade da comunidade face a uma crise da indústria conserveira, da qual depende economicamente quase em exclusivo.

A Fábrica J. Labrouche é uma das 4 fábricas referenciadas no Inquérito Industrial de 1890. Uma das unidades fabris estabelecidas em Lagos pela mão de empresários franceses.

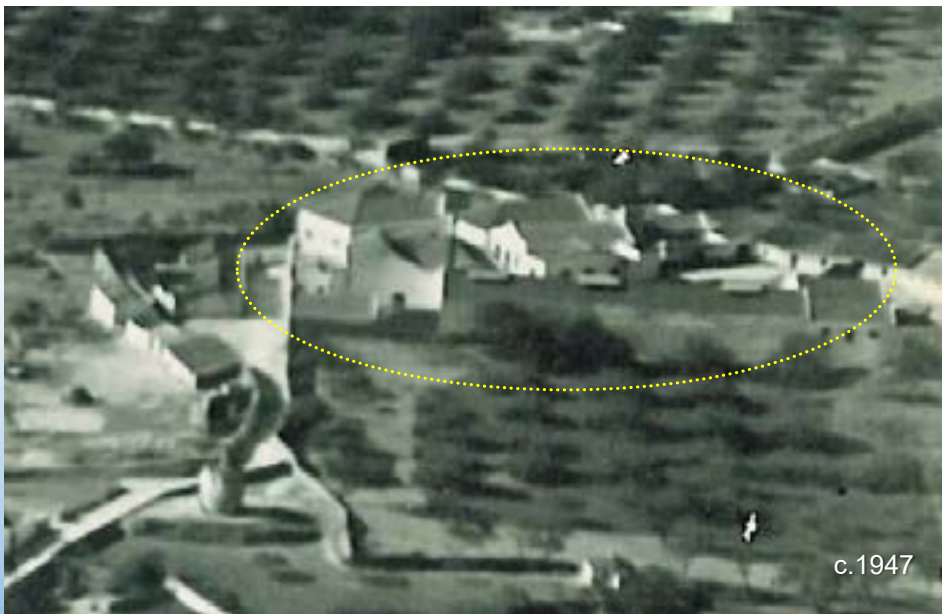
A Fábrica “Portugal” ou “da Porta de Portugal” foi propriedade de um portimonense de nome Provisório. Foi destruída em 1915 por violento incêndio e utilizada como Mercado Municipal desde 1924.

No final dos anos 20 a quantidade extraordinária de capturas de sardinha, aliada às suas condições perecíveis e a uma frágil estrutura empresarial sedenta de operações comerciais, impulsionou o volume de produção e exportação. Todavia, o aumento da oferta não correspondia à procura externa, pois esta achava-se limitada pela redução do poder de compra e dos protecionismos da França e dos EUA. O aumento das exportações fez-se, então, à custa da forte redução de preços. HENRIQUES F. 2016

2004



Fábrica Olivas & Januário (?) > Sociedade de Conservas Aldite Lda^a > Aldibel



c.1947

Um dos poucos antigos edifícios conserveiros ainda existentes, localizado na zona alta da cidade, em Santo Amaro. Esta unidade terá pertencido à sociedade Olivas & Januário, e depois ao industrial José Mendes, de Portimão, com a firma Sociedade de Conservas Aldite Ld^a, que passou a ALDIBEL no início dos anos 80 quando aquela se fundiu com a firma Abel Figueiredo Luís.



2013

Mário Januário, aposentado da administração local, refere que o seu avô Januário vendeu a fábrica a um Mendes de Portimão. Armando Matias, antigo operário da fábrica Aldite (hoje com 81 anos de idade), refere que trabalhou naquela fábrica ainda antes de ter sido vendida ao portimonense Mendes, e que o patrão de então era francês, porém não soube indicar mais pormenores.



Edifício da antiga fábrica de conservas

2019



Fábrica de Manuel A. Cristiano

Situada numa área que registou a existência de várias unidades fabris, compreendida pelas ruas Vasco da Gama e António Crisógono dos Santos (antiga Rua da Estalagem).

Curiosidade: Na foto do anúncio (1924) ainda existe o Baluarte da Porta do Postigo, mas já não na fotografia de 1936. Nesta, a Chaminé que se vê à direita é a da Fábrica Freitas



Manuel Antonio Cristiano

FABRICA
DE
Conservas de peixe
em azeite e salmoura

LAGOS
(PORTUGAL)

End. teleg.: — CASTELO

Marcas registadas
"La Pêche-Bay Lagos"
"Castelo-Brand"

1924

EXTERIOR DA FABRICA



Fábrica Piedade > Fábrica de Farinhas de Peixe do Carrasquinho

A Fábrica Piedade terá laborado como fábrica de conservas até meados dos anos 50. A partir de 1957 passa a fábrica de farinhas de peixe de José Gregório Carrasquinho.



Tabela B.8 – Indústria Alimentar – concelhos com mais de 250 operários

Designação	Concelho	Estab.	Trab.	Est./trab.
Conservas de peixe	Lagos	12	1.019	84,9
	Loulé	3	268	89,3
	Olhão	33	2.540	77,0
	Portimão	5	708	141,6
	VRS António	8	1.349	168,6

Fonte: *Estatística Industrial. Ano de 1917*, pp. 43-7.

NEVES PJM 2007



Apara-lápis *Macroramphosus scolopax*



As aparas do peixe cozido, as cabeças e vísceras da sardinha, biqueirão e cavala, bem como exemplares completos de espécies não comerciais, constituíam a matéria prima para as fábricas de farinha, guano e óleo de peixe.



Fábrica de António Silva Freitas

Empresa constituída em 1918 [RODRIGUES JMV 1997] situada num quarteirão que acolheu várias unidades fabris: Balança e Taquelim/Baía de Lagos; Benjamin Tanniu/Alpapito, Silva, Oliveira e C^a; e Fialho.

No anúncio a referência aos agentes dá-nos uma ideia dos clientes europeus para as produções algarvias dos anos 20: França, Alemanha e Inglaterra.

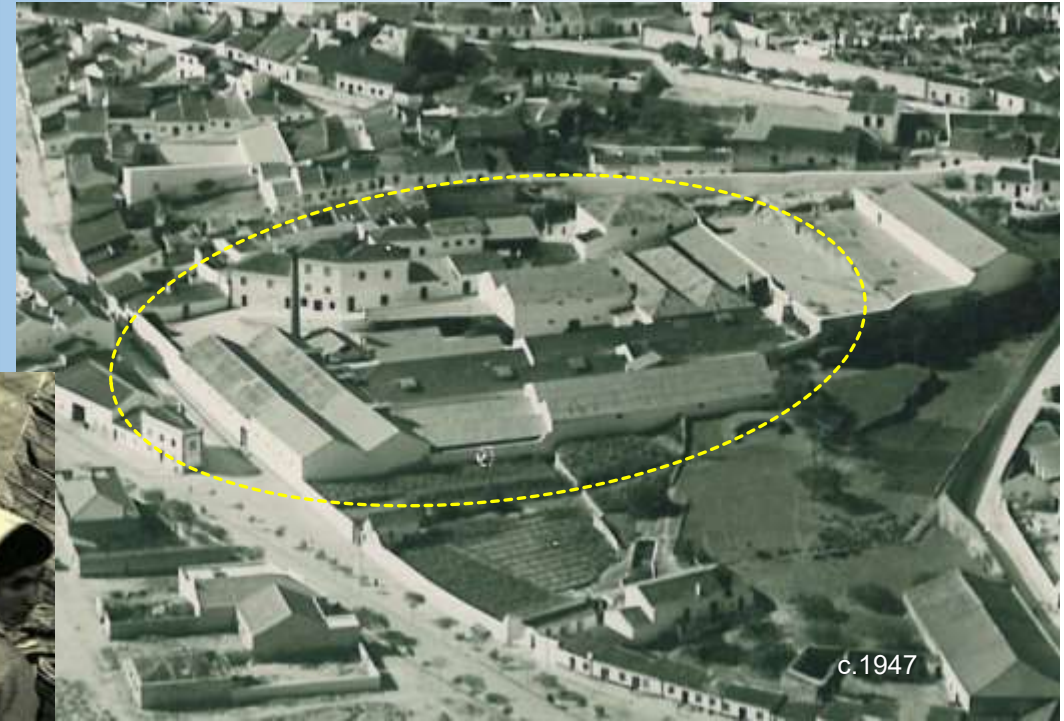


Operárias extraindo a espinha das sardinhas, que eram ligeiramente secas ao Sol para esse fim.

Secavam sardinha em cru para remover a espinha mais facilmente; e secavam sardinha cozida para retirar humidade e facilitar a remoção da pele.



Fábrica Júdice Fialho



Empresa constituída em 1899. [RODRIGUES JMV 1997]

Fábrica instalada em 1903. Em 1927 tinha 110 operárias e 30 operários. Em 1939 a fábrica recebia energia, para iluminação, dos Serviços Municipais e tinha os seguintes equipamentos e máquinas: 3 geradores de vapor; 1 motor de vapor de 6 CV; 1 motor de combustão interna de 7/9 CV; 1 dínamo de 8 KW; 6 cravadeiras Matador; 1 cravadeira para lata redonda; 1 máquina de azeitar; 2 cofres para cozimento de peixe; 1 cofre para estufagem de peixe. Na secção de fabricação de guano existiam 2 prensas Mabile e 2 comedores de desperdício de peixe.

Esta fábrica encerrou em 1960 [segundo Leopoldina Carvalho, esposa do último gerente da fábrica, João Correia de Carvalho]

Em 1933 esta fábrica produziu 2.088 caixas de latas de conserva e em 1934, produziu 8.234, e o seu melhor ano de produção foi o de 1924, com 30.000 caixas (cada caixa compreendia 100 latas de conserva). Conseguia produzir, em 1935, trinta caixas de latas por hora.



Fábrica Balança e Taquelim
> Balança & Anello (?)
> Baía de Lagos



Grelha de sardinhas

Uma ficha do arquivo da 5ª circunscrição industrial, de 1918, dá conta da existência de uma Estiva propriedade de Balança, Anello & Cª Lda., levantando a hipótese de um dos sócios se tratar de Vito Anello, siciliano de Maretimo que foi mestre de salga na fábrica Fialho, e que veio para Portugal pela mão do seu compatriota Paolo Cocco. Vito Anello residiu em Lagos e aqui teve três filhos deixando um sepultado no cemitério, vítima de meningite aos 5 anos de idade. Uma neta de Vito Anello, residente em Trapani (Sicília), visitou a nossa cidade em busca dessas memórias remotas marcadas pelas lenga-lengas em língua portuguesa, que a sua avó contava (na Sicília) para a fazer adormecer.



Excerto do Antepiano de Urbanização
de Lagos de 1957
in CCDR Algarve

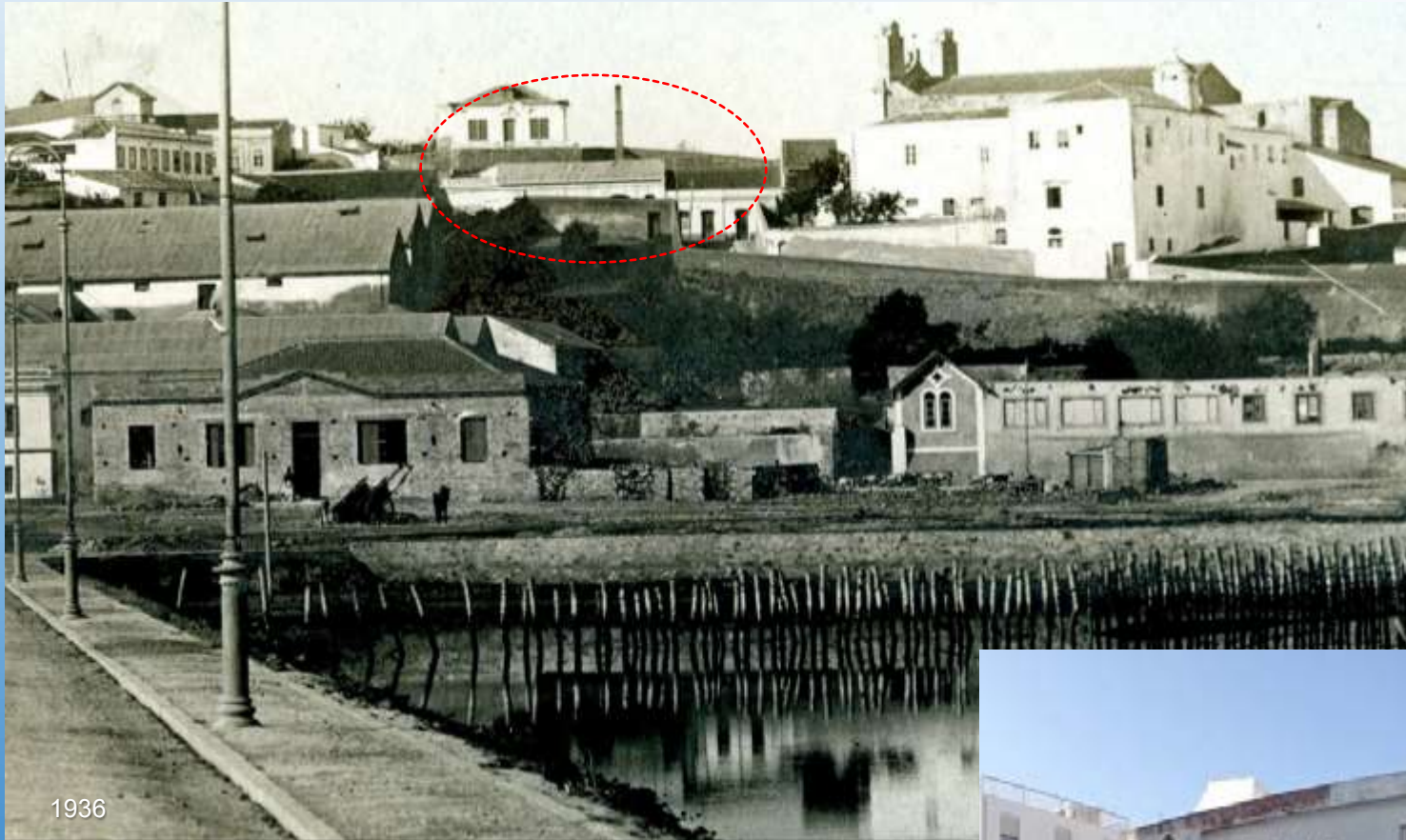
Fábrica Fialho
Fábrica Baía de Lagos
Fábrica Freitas



Máquina de lavar latas

Local para Fábricas
de Conservas

Fábrica Convento Sr^a da Glória / Mário Gonçalves e Figueiredo (?)



1936

Numa planta usada nos Estudos de Reabilitação Urbana da Cidade de Lagos, conduzidos pelo Arq. Rui Paula, podemos ver uma referência a “Mário Gonçalves e Figueiredo” junto à denominação “Fábrica Convento Sr^a da Glória”, serão os nomes dos proprietários numa época posterior?



Em 1921 é proprietário desta fábrica, o general Joaquim Cândido Correia.
[Proc. da 5^o Circ. Industrial – Cota: 455.]

Joaquim Cândido Correia

Proprietário agrícola nos concelhos de Lagos, Aljezur, Monchique e Odemira, esteve ligado à criação de um Sindicato Agrícola de Proprietários de que foi dirigente. Passou à situação de reserva graduado em general de Brigada em 4 de Nov. de 1909. Era Oficial da Ordem Militar de S. Bento de Avis e figura destacada da Maçonaria portuguesa. Por requisição do ministério do Reino foi administrador do concelho de Lagos nomeado em 10 de Jul. de 1900. Foi Presidente da Câmara Municipal de Lagos de 21 de Jan. a 4 de Fev. de 1918 e de 2 de Jan. de 1920 a 21 de Jan. de 1926.



2018

Fábrica Pierre Charles Chancerelle, Silva, Oliveira e C^a. > Silva, Oliveira e C^a.



Fábrica Chancerelle - Bretanha



1936



Inicialmente contando com um nome francês na denominação da firma, oriundo da Bretanha tal como outros da mesma região que estabeleceram unidades em Portugal, e mais tarde em Marrocos (o postal no canto inferior esquerdo faz referência a uma unidade fabril de proprietário com o mesmo nome, em Douarnenez, na Finisterra francesa).

Notar a coincidência das letras da denominação comercial patente na fachada do edifício, entre o anúncio de 1924 e a foto de 1936, bem como a chaminé da fábrica Fialho.

Neste edifício esteve instalada a Escola de Condução Infante D. Henrique até à poucos anos.

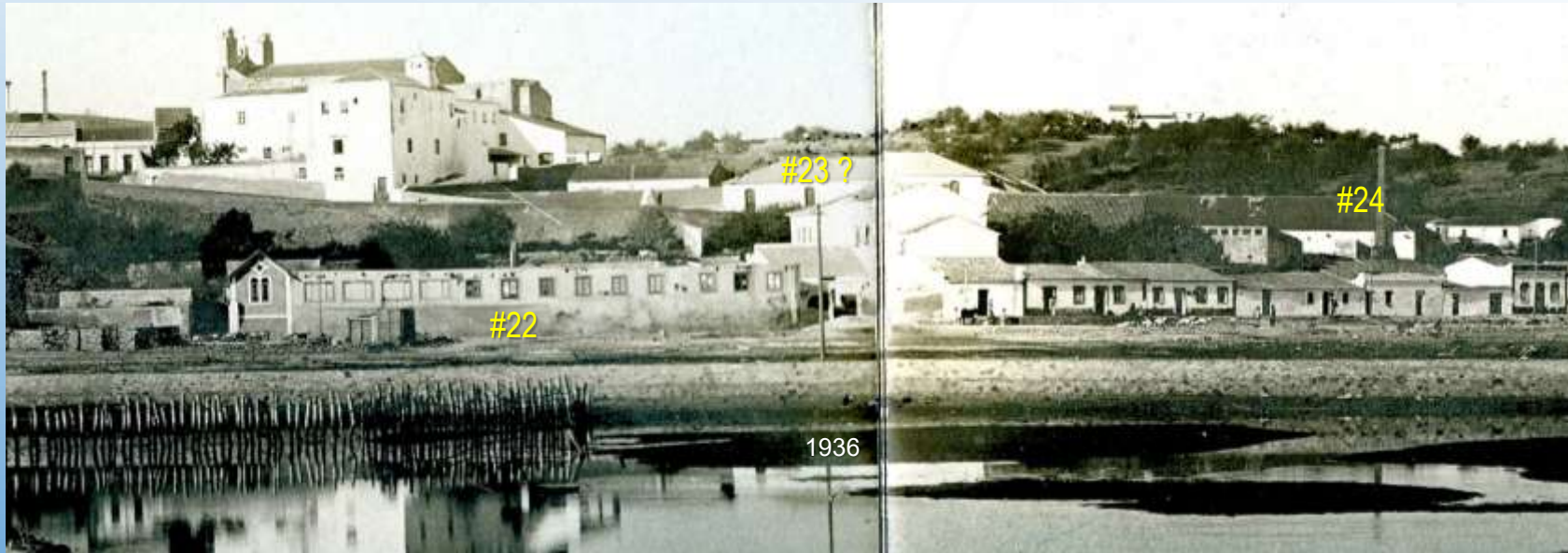


c.1947



2018

Fábrica São Vicente #22 - Fábrica Mecânica de Conservas de Peixe #23 (?) - Fábrica de Luís Nunes #24



Com base numa planta de trabalho usada nos Estudos de Reabilitação Urbana da Cidade de Lagos, conduzidos pelo Arq. Rui Paula, é possível identificar duas destas unidades fabris, a Fábrica São Vicente, e a Fábrica Luís Nunes, embora nada mais se saiba sobre elas. Do espaço correspondente à fachada da fábrica S. Vicente existe um muro que cerca um parque de estacionamento, pertença do hotel Tivoli; e o espaço da fábrica Luís Nunes tem hoje o edifício que a imagem da direita documenta.

A localização da Fábrica Mecânica de Conservas constitui um dos enigmas por esclarecer.





O interior desta fábrica, já referenciada no slide anterior, lembra, a quem a conheceu à data, o interior da moagem de João Afonso, mas não encontramos nenhuma confirmação de relação entre uma e outra.

Posca Jornal de Lagos de 09.12.1939

Tem sido muito regular a pesca em Lagos, o que permite a exportação de muitos camiões de carapau e chicharro negrão em gelo para Lisboa e outros pontos, assim como sardinha para manter as fabricas de conservas em constante laboração, o que é animador.

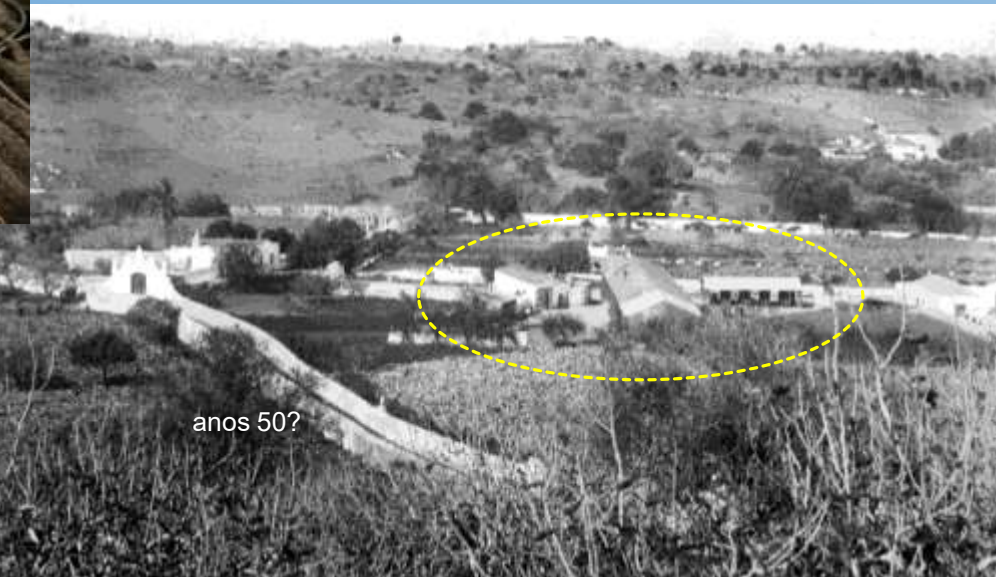


Fábrica da Aliança Fabril Lacobrigense > António do Carmo Leal > Abel Figueiredo Luís

A empresa Aliança Fabril Lacobrigense foi constituída em 1889. [RODRIGUES JMV 1997]

Fábrica Aliança Fabril Lacobrigense; depois Fábrica de António do Carmo Leal e depois Fábrica de Abel Figueiredo Luís.

Na vigência deste último as instalações incluíam: terreiro de seca de aparas de peixe; armazéns de cheio e vazio; nave central com sala de descabeço, cozedura, enlatamento, cravagem e esterilização; casa de caldeira e depósitos de combustível; depósitos de água; estiva; oficina de serralharia-mecânica fabril; oficinas de mecânica e carpintaria para apoio à frota de embarcações de pesca; escritório; refeitório; e creche para os filhos das operárias.

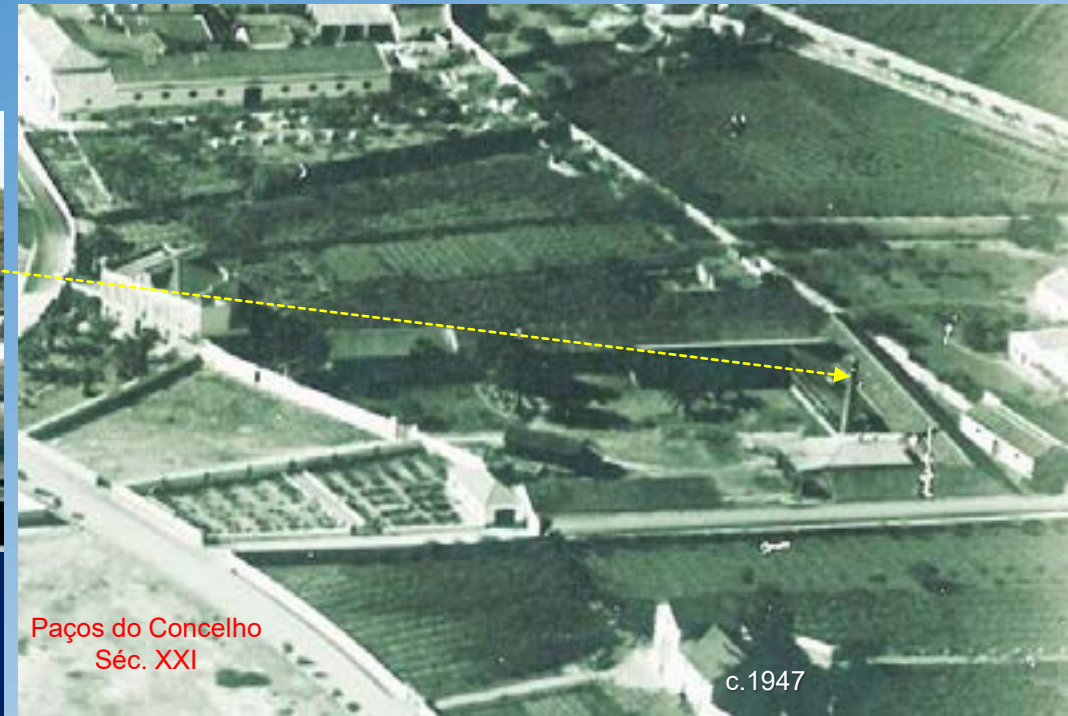


“Fábrica da Palmeira”: Frederic Delory



1936

Inicialmente estabelecida com unidade fabril na Ribeira, presume-se que pouco depois terá estabelecido outra unidade em área adjacente à fábrica da Aliança Fabril, que no entanto não terá laborado por muito tempo, já que em 1929 um anúncio de jornal dá conta que a unidade está disponível para arrendamento (indicando, para contacto, a empresa Delory, situada na Ribeira). A empresa F. Delory terá terminado a actividade em Lagos no início dos anos 50; e a empresa foi absorvida pela Saupiquet em 1961/62.



Paços do Concelho
Séc. XXI

c. 1947



anos 40

Delmiro Barros assistiu ao desmonte desta fábrica c. 1948. Manolo Bexiga e o tenente Formosinho ficaram encarregues da venda das peças desmontadas da fábrica.

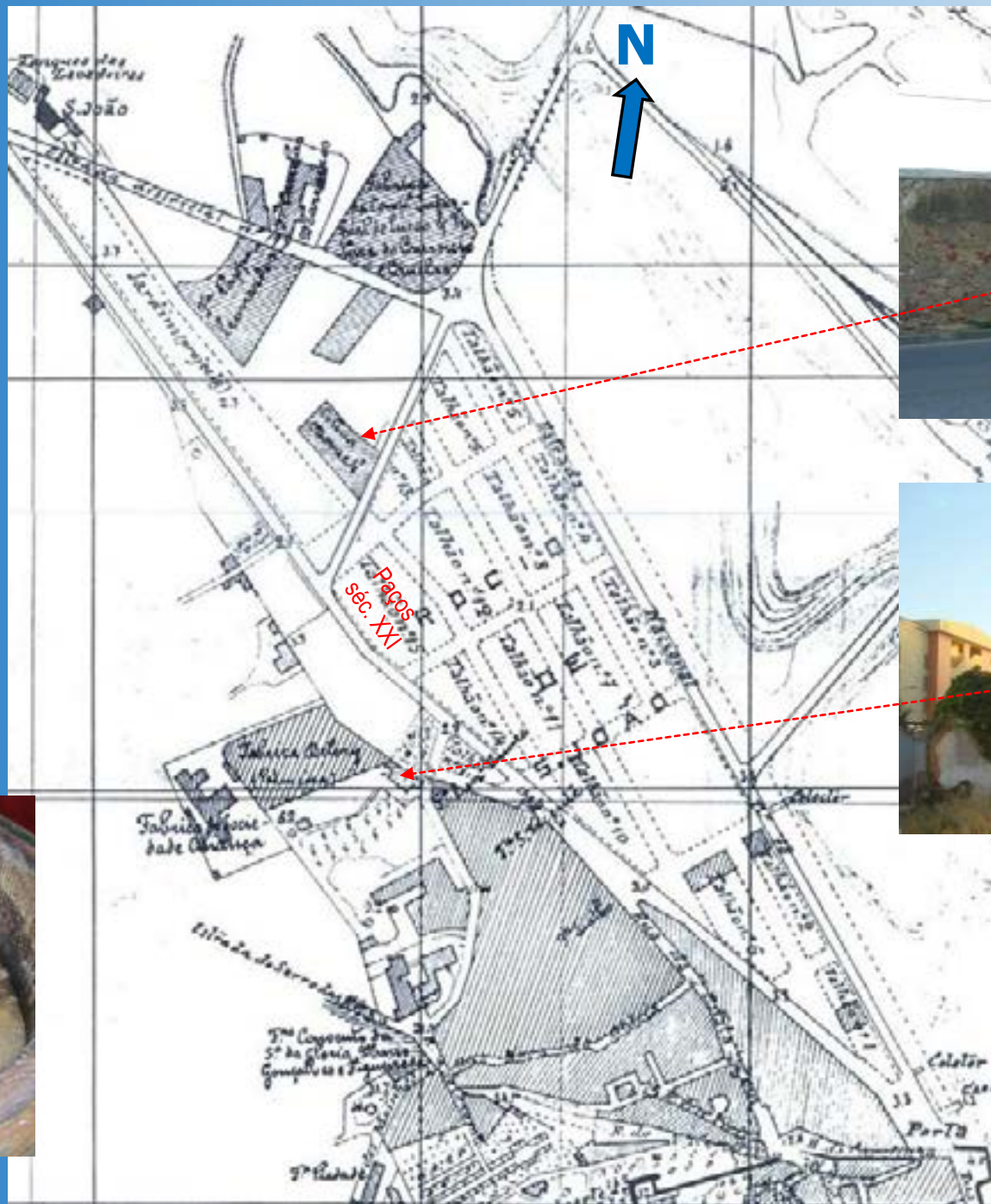


2018

Estiva Jorge Novak

Jorge Novak de Vincenzo em Rocio de S. João inic. [data do registo] 10/04/1924 – elim. 31/12/1937 [processo na 5ª Circ. Industrial]

«A família Novack, cria, em 1890, a primeira “estiva” da sardinha.» [RODRIGUES JMV 1997]



Residência do italo-croata Giorge Novack de Vincenzo

Planta do Rossio de S. João utilizada nos Estudos de Reabilitação Urbana da Cidade de Lagos, conduzidos pelo Arq. Rui M. Paula, referencia várias fábricas:
F. Piedade; F. Fialho; F. Convento Sra Glória / Mário Gonçalves e Figueiredo; F. São Vicente; F. Luís Nunes; F. Sociedade Aliança; F. Delory ou “da Palmeira”; Estiva Novak; F. Papaleonardos; F. Canelas e Marreiros; F. da Companhia Industrial de Conservas, Lda; F. Lucas e Ventura; F. do Consórcio; F. Canelas.

Fábrica da Companhia Industrial de Conservas > Fábrica do Algarve Exportador

Fábrica Lucas e Ventura Lda., Sociedade Mercantil de Conservas (?), e Fábrica do Consórcio (?) integradas no Algarve Exportador



Inicialmente edifício da fábrica da Companhia Industrial de Conservas (inic. em 1919), e depois, da empresa Algarve Exportador (com ampliação das instalações, absorvendo a fábrica de Lucas e Ventura e mais algumas adjacentes).



A empresa Algarve Exportador foi uma das grandes companhias conserveiras portuguesas, que contou com unidades fabris em Lagos, Matosinhos, Nazaré, Peniche, Lisboa e Setúbal. Esta firma, fundada por Agostinho Fernandes em 1920 [?], expandiu-se até aos anos 60, chegando a ser a maior em Portugal no seu ramo. A sua marca "Nice" torna-se numa das mais famosas no país.

Em Castelo Branco foram edificadas as fábricas de chocolates "Africana" e "Favorita"; em Vila do Conde as refinarias "Prazol" para azeite e óleos vegetais; em Matosinhos e em Setúbal foram construídas fábricas de farinha de peixe das marcas "Spof" e "Sadop"; também em Setúbal, foi edificada a fábrica "Yolanda", para processamento de estanho; e uma fábrica de embalagens em Matosinhos. Para a produção de pescado e exportação dos seus produtos, a empresa também empreendeu a construção de uma frota naval de 48 embarcações, envolvendo 1200 marítimos. A empresa exportava para os Estados Unidos; Reino Unido, França, Suíça, Bélgica, Suécia, Finlândia, Alemanha, Hungria, Polónia e Checoslováquia.

"A empresa Algarve Exportador foi constituída em 1918."
[RODRIGUES JMV 1997].



Fábrica Canelas
> Fábrica da UCAL
União Conserveira do Algarve
"Fábrica do Nunes"

c.1964

A Fábrica da União Conserveira do Algarve, de José Gonçalves Nunes, foi implantada no espaço conhecido como "Tapada de S. João". Esta fábrica da UCAL inicia actividade em 1925 [RODRIGUES JMV 1997] no espaço e instalações (?) anteriormente pertencentes à Fábrica Canelas [planta R. Rato 1924].

Hoje, resta parte da fachada e uma chaminé.



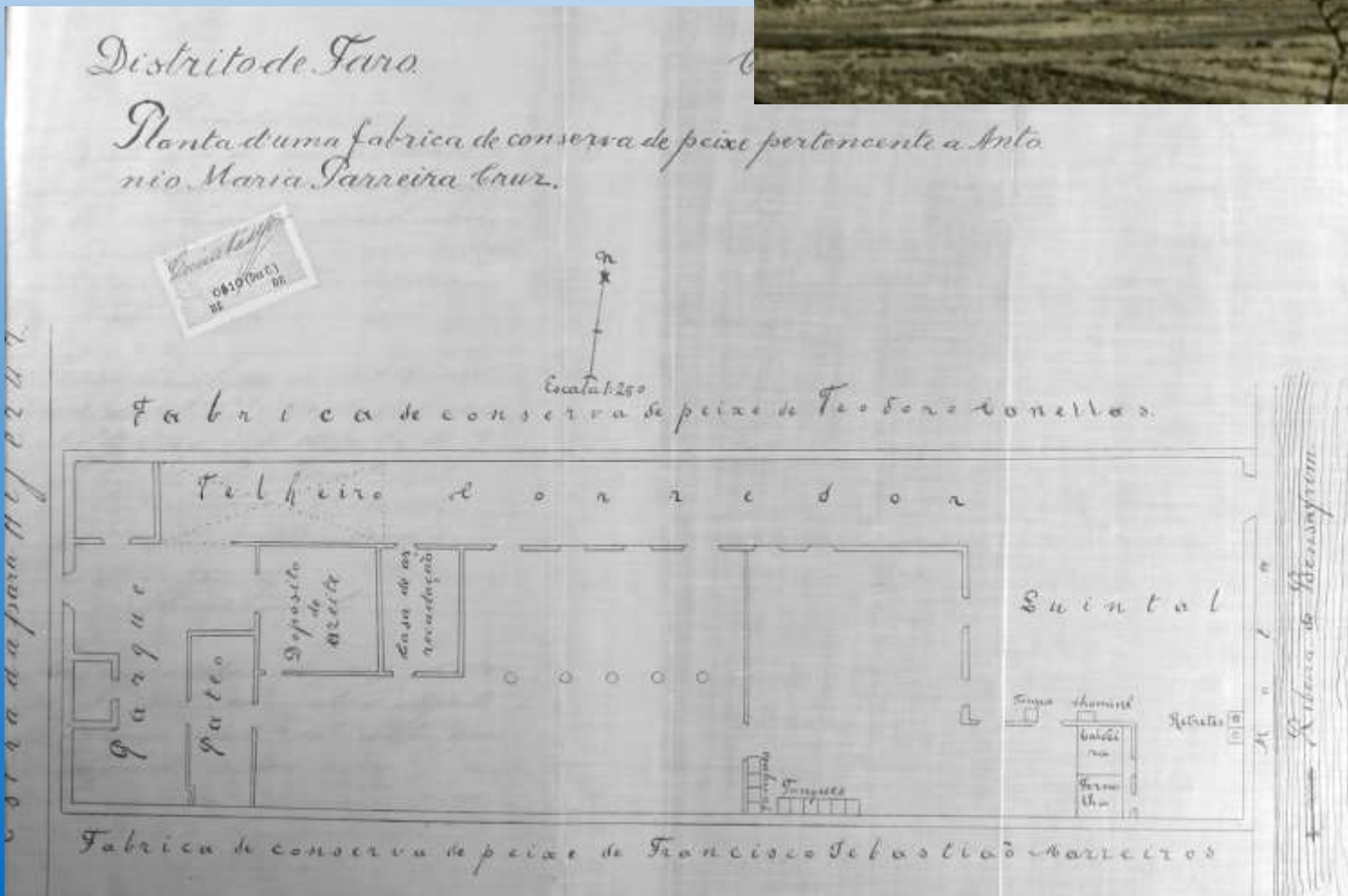
2018

Fábricas: Consórcio - Canelas – Canelas e Marreiros - Teodoro Canelas(?) - António Maria Parreira Cruz(?) - Francisco Sebastião Marreiros(?)

Algumas destas unidades terão integrado a fábrica do Algarve Exportador, à imagem do que aconteceu com as unidades da “Companhia Industrial de Conservas” e da “Lucas e Ventura Lda”.



c.1964



1924

Fábricas: Consórcio - Canelas – Canelas e Marreiros - Teodoro Canelas(?) - António Maria Parreira Cruz(?) - Francisco Sebastião Marreiros(?)

Planta de localização de uma unidade fabril em nome de António Maria Parreira Cruz [processo da 5ª Circunscrição Industrial].

Pedro Cruz, neto de A.M Parreira Cruz, declarou que a unidade fabril do seu avô seria uma Estiva situada na esquina da Travessa do Forno com a Rua 5 de Outubro. Embora a família possuísse um talhão de terreno na Tapada de S. João, um rectângulo adjacente e paralelo à ribeira, nunca lá instalou uma unidade fabril.

Outra planta de processo cadastral identifica a fábrica de Francisco Sebastião Marreiros na Rua Azevedo Coutinho, (Porta dos Quartos), e no entanto aqui vemos uma referência à existência de uma fábrica com este nome, na confrontação Sul da de Parreira Cruz.

Face ao considerável número de plantas de localização de unidades fabris neste espaço (entre a EN120 e a Ribeira, adossadas e sequentes à área depois ocupada pelo Algarve Exportador), e sabendo-se que os processos de onde foram extraídas as plantas integram correspondência das respectivas empresas, resta-nos especular se se tratavam de outras unidades pertencentes aos mesmos proprietários ou se estas unidades terão alguma vez ocupado tal zona?! Existindo unidades fabris dos mesmos proprietários noutras zonas da cidade, integradas na malha urbana, os proprietários poderiam ter apenas manifestado intenção de deslocar as suas unidades do casco urbano – talvez por imperativos de salubridade pública – e por isso feito constar novas instalações nos seus processos de cadastro (?).

Por outro lado, sabemos que a Fábrica Algarve Exportador terá ocupado instalações de, pelo menos, três fábricas anteriormente existentes naquela zona; é provável que alguma dessas unidades fosse alguma destas que referimos.

São algumas interrogações que ficam para uma investigação mais aprofundada.

Estiva de Demosthenes A. Pappaleonardos “Estiva da Grega”

Firma DEMOSTHENES A. PAPPALIONARDOS
Séde no Pireo (Grecia)



Exerce a industria de conservas de peixe em salmoura em Lagos, Olhão, Vila Real de Santo Antonio, Setubal, Lisboa, Buarcos, Matosinhos, Vigo (Espanha) e Stora (Argélia).

O maior mercado consumidor dos seus produtos é a Grecia. Exporta igualmente para outros países do Oriente.

Um aspecto da fabrica de Lagos

Situada em frente à fábrica Canelas e Marreiros, localizada esta no lote seguinte ao da fábrica UCAL de José Gonçalves Nunes, na EN 120 (antiga Fábrica Canelas).

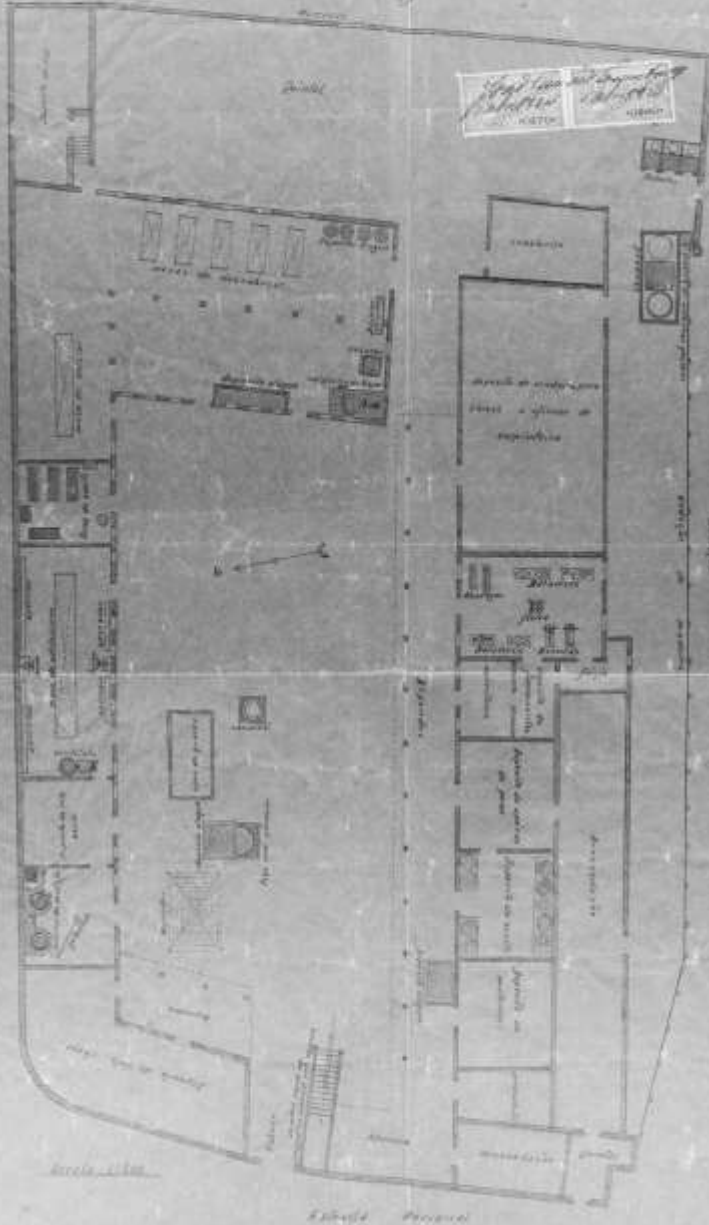
Uma das muitas estivas (fábricas ou oficinas de peixe salgado) que terão existido em Lagos desde um passado longínquo, tendo algumas delas permanecido em actividade durante as primeiras décadas do séc. XX. Posteriormente, a Estiva manter-se-á como actividade integrada nas fábricas de conservas tradicionais.



No Algarve é comum designar-se o peixe tratado em salmoura como peixe “estibado”



Distrito de Faro. Concelho de Lagos.
Planta da Fabrica de conservas de peixe pertencente à Sociedade Mercantil de S. João, no sítio do Molhão, Freguesia de S. Sebastião.



Fábrica da Sociedade Mercantil de S. João

Uma das 4 fábricas referenciadas no inquérito industrial de 1890, a Sociedade Mercantil de São João foi constituída em 1886, laborando nas instalações depois usadas pela MODIRE, Moagens e Destilarias Reunidas, Lda.

O anúncio refere “Fabrique S. Jean”, evidenciando um dos mercados principais da sua produção?!

A historical advertisement for 'Sociedade Mercantil S. João'. The top part features the company name in a decorative, cursive font. Below it, in smaller text, is 'Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada'. A central black and white photograph shows the exterior of a large, multi-story industrial building with a gabled roof and several windows. To the right of the photo, there is a list of details: 'FUNDADA EM 1886', 'Capital realiado: 50:000\$00 esc.', 'Fabrique S. Jean', 'Conserves alimentaires', 'POISSON', 'LAGOS (PORTUGAL)', and 'Adresse telegraphique: Mercantil - Lagos'. At the bottom of the advertisement, it reads 'Exterior da fabrica da Sociedade Mercantil S. João'.



Fábrica de José d'Abreu Pimenta (2ª localização)



Esta unidade fabril de José d'Abreu Pimenta resulta da deslocação da actividade, por volta de 1960, do Chão Queimado para este espaço (que até então estava indicado para recinto de feiras), na sequência da construção da Avenida dos Descobrimentos.

Esta fábrica foi a última a laborar em Lagos, tendo encerrado em 1986



Enlatando sardinhas, anos 70



Conservas produzidas pela Fábrica Pimenta em 1979



2019

Fábrica Jorge & C^a Lda.

Situada no local onde mais tarde existiu uma fábrica de mármore, no limite NE de uma área destinada a terreiro da Feira mas que, a partir de 1960, foi ocupada maioritariamente pela fábrica Pimenta.



Fábrica do Molião, de Rosendo & C^a Lda.

Situada em local hoje ocupado pela EN 125, próximo da curva do Molião, no limite Norte do espaço em tempos destinado a terreiro da Feira.



Fábrica no Telheiro

OS FABRICANTES DE CORTICA

Vende-se um prédio junto á estrada nova, no sitio do Telheiro, que foi fabrica de conservas, junto com uma cerca com hortejo e abundancia de agua.

Quem pretender dirija-se a José Norberto d'Oliveira — Lagos. 1929



Fábrica Luz Industrial, Lda. / Empresa Industrial da Luz

de José A. Bourquin Brak-Lamy (?)

> António Vicente

> João Dias



A Fábrica Luz Industrial, Lda. inicia actividade em 1918.

RODRIGUES JMV 1997

c.1913

O facto de existirem duas denominações de empresas relacionadas com a Praia da Luz, “Luz Industrial, Lda.” e “Empresa Industrial da Luz”, sendo uma delas propriedade de António Vicente, poderá indicar a existência de duas fábricas de conservas nesta povoação; facto reforçado pelo seguinte texto de inícios do séc. XX:

«... o mais importante deste lugar da Luz pertence aos habitantes de Lagos, aos quais se deve o desenvolvimento que tem tido a localidade, pelo estabelecimento de fábricas de conserva de sardinha, a primeira das quais se deve à iniciativa do nosso amigo dr. José António Burquain Braklamy[*]» [Brito Rebelo [f. 1920] in “Lagos e Nossa Senhora da Luz”. “PORTUGAL – A Arte, os Monumentos, as Paisagens, os Costumes, as Curiosidades”; Albúm 5ª Série “Além-Tejo”, Nº 50 - Lagos e Terras do Barlavento. Portucalense Editora, Lda. Barcelos, 1940.] *José António Bourquin de Brak-Lamy (n. Lisboa 1851 – f. Lisboa 1932)

Joaquim Vicente (ajudante de motorista da enviada MILITA – casa Freitas) refere que o último proprietário da Fábrica da Luz foi o João Dias (eletricista naval que montava e reparava as sondas dos barcos).



2018

Fábricas existentes em Lagos ao longo do séc. XX

1890	1904	1905	1908	1911	1916	1917	1925	1929	1930	1934	1944	1957	1970	1985
4 (>6)	8 + 3	15	10	14	13	12	29 (31)	19	21	13	11	9	4	1

Em janeiro de 1904 existiam 8 fábricas de azeite e 3 estivas, para além de uma fábrica de guano de óleo de peixe; em 1911 – 14 (7 portuguesas, 4 francesas, 2 gregas e 1 austríaca).

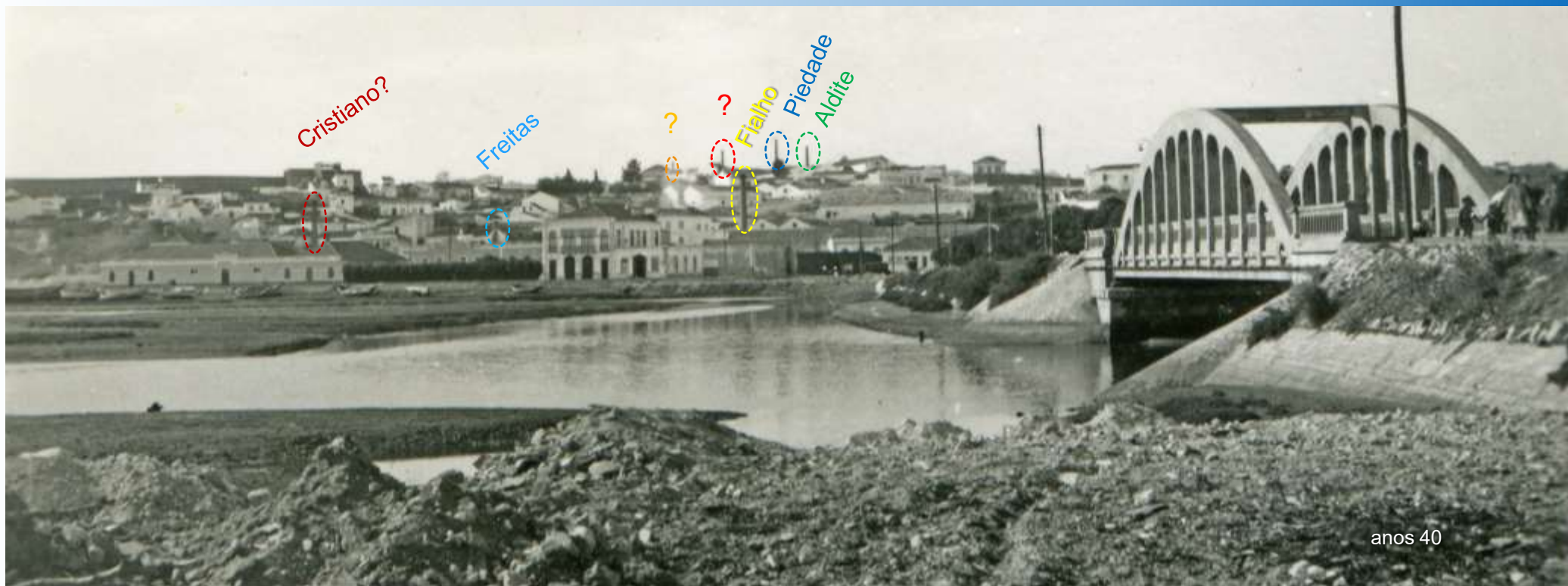
“No ano fiscal de 1924-1925 estavam registadas 31 fábricas, das quais duas não funcionaram, duas preparavam também salmoura, 3 faziam também salga e preparação de peixe (estiva) e uma entregava-se exclusivamente à salga de peixe.”

ABECASSIS, Duarte “Estudo Geral Económico e técnico dos Portos do Algarve.- Junta Autónoma do Porto Comercial de Vila Real de Santo António” Porto, 1926

Fábricas em Lagos - in Grande Anuário 1944

CONSERVAS DE PEIXE (Fábricas)

Algarve Exportador, Ltd., tel. 23
 Aliança Fabril Lacobrigense, Ltd., tel. 22
 Alpapito Murtinheira, Arez & C^ª, tel. 62
 António da Silva Freitas, tel. 20, Res. 41
 D. A. Papalenardos
 D. N. Charalampopoulos
 Établissements F. Delory, tel. 29
 João António Júdice Fialho (Viúva e Herdeiros), tel. 8
 Paolo Cocco, tel. 21
 São Gerardo, Ltd., tel. 39
 Sociedade de Conservas Aldite, Ltd., telefone 49



anos 40



A fábrica de Espiche ?

2018

Sobre estas fábricas pouco mais se conhece do que o nome e, nalguns casos, uma indicação da data de estabelecimento da empresa ou do início da actividade.

Onde se localizavam estas unidades e que relação existe entre elas e algumas das fábricas já identificadas, ainda não sabemos.

Convém considerar que as fontes orais referem sobretudo o nome popular das fábricas (que por vezes é o nome do proprietário ou do sócio mais importante, o topónimo do local onde a fábrica se situa, ou a marca comercial da fábrica), o que poderá constituir uma duplicação de referência em relação à denominação oficial da firma. Exemplo: As fábricas da empresa Établissements Frederic Delory eram conhecidas, uma como Fábrica da Ribeira e a outra como Fábrica da Palmeira, sendo nomes usados pelos proprietários, mesmo em anúncios de jornais.

"Havia uma pequena fábrica em que todos os soldadores que nela trabalhavam estavam associados e constituíam assim uma cooperativa de produção directa, sendo esta a única fábrica que trabalhava na ocasião da minha visita em que os soldadores estavam em greve."

Engº-ajud. Francisco Salles Fernandes Gião, encarregado de elaborar a estatística industrial do distrito de Faro [1903]

António Simões Netto e João "Betoque"

Armando Gomes de Figueiredo (inicia actividade em 1917. [RODRIGUES JMV 1997])

Balança, Anello & Cª Lda. (Estiva - inic. 1918? [Alvará Nº 4178/1924 - ficha da 5ª Circ. Industrial])

Borges & Cristiano

CLUPEA, Sociedade de Indústrias

Comércio Português de Pesca e Conserva (Consórcio? - inic.1918? - [Alvará Nº 4231/1924 - ficha da 5ª Circ. Industrial])

Companhia de Fabricação de Conservas, Lda.

Correia Vilarinho

Empresa de Conservas Falfeira, Lda.

Empresa de Conservas Lidadora, Lda.

Estiva do Morais

Figueira e Taquelim, Lda.

Fábrica do Chafariz de Fonseca & Ramos [RODRIGUES JMV 1997]

Fábrica no Telheiro

Fábrica em Espiche

Gorge Fandopoulos

Joaquim de Azevedo Santana (inicia actividade em 1925. [RODRIGUES JMV 1997])

José B. Azevedo & Costa

Manuel Cássio Tovar e Cª. (Estiva)

Manuel Galvão Rocha

Mário Gonçalves e Figueiredo

Mário Gonçalves, Taquelim, Dias & Cª.

Pereira, Taquelim & Cª.

Polier Frères (no Rossio de S. João)

Soc. Geral de Comércio, Indústria e Transportes, Lda.

Sanches, Coelho & Galvão, Lda.

T. N. Oliva (inicia actividade em 1918. [RODRIGUES JMV 1997])



A condição do operariado conserveiro



Durante a maior parte da sua história, esta indústria caracterizou-se por uma flagrante precariedade do trabalho.

Mesmo quando as empresas foram obrigadas a constituir um quadro de permanentes, esses efectivos nunca ultrapassaram cerca de 25% dos trabalhadores.

O resto era pessoal eventual, chamado por uma sirene quando havia trabalho e mandado para casa quando não havia.

SALÁRIOS (semanais) MÉDIOS DOS OPERÁRIOS CONSERVEIROS DO ALGARVE EM 1903 VALORES EM RÉIS (Mil Réis = 1 Escudo)

Concelhos	Soldadores	Estivadores	Trabalhadores
FARO	1\$000	200	300
LAGOS	600 / 900	200	200 / 300
OLHÃO	500 / 1\$500	100 / 200	100 / 350
PORTIMÃO	800 / 1\$500	200	200 / 300
V.R.S.A.	900 / 2\$000	240	200 / 450

A condição do operariado conserveiro

As mulheres foram a grande força de trabalho das fábricas cabendo-lhes cerca de 80% das tarefas implicadas no processo de fabrico das conservas. O intenso trabalho efectuado sob o rigor do frio ou do calor foi sempre exaustivo, mesmo após a introdução de alguns equipamentos automáticos que também elas frequentemente eram chamadas a operar. Para o primeiro terço do séc. XX predominava o trabalho manual já que o equipamento industrial se resumia a caldeiras a vapor, bassines de fritura, secadores e estufas.

Existiam várias operações, como: descongelar, descabeçar, engrelhar, enlatar, visitar, azeitar, cravar, bater lata, e outras correlacionadas, como proceder à limpeza e manutenção dos espaços e dos equipamentos (lavar grelhas com soda cáustica p. ex.), e efectuar o transporte de peixe, de caixas de latas, etc.

«Em Lagos, a jornada de trabalho decorria de Sol a Sol, geralmente com duas horas de descanso no Inverno e três no Verão, repartidas por dois intervalos. Tratava-se da única indústria de Lagos onde havia trabalho nocturno, que era organizado da seguinte forma: Faziam serão as mulheres, maiores e menores, sempre que houvesse peixe; se o trabalho terminasse às 22:00 não haveria descanso; caso se prolongasse as operárias iam ceiar das 22:00 às 23:00, regressando depois ao trabalho até o concluir; se no dia seguinte houvesse peixe voltariam ao trabalho; todo o trabalho era pago à hora.»

[RODRIGUES JMV 1997]

As jornadas de trabalho que tantas vezes se prolongavam em serões, comprometiam a desejável atenção aos filhos, que frequentemente as acompanhavam para a fábrica - onde dormiam dentro de uma caixa de madeira – pelo menos até ao surgimento das creches fabris.

Apesar de terem sido esboçadas algumas medidas, os operários desta indústria integravam uma classe com direitos e regalias praticamente inexistentes.

«Os salários do operariado eram miseráveis, por vezes inferiores aos da agricultura. Nos anos 30, os trabalhadores da Santa Maria [VRSA] auferiam somente 30% do valor gasto na aquisição do pescado. As regalias sociais quase não existiam e a carga horária assegurada, mesmo quando não havia trabalho, era irregular: duas a três jornas diárias (oito horas) por semana para as operárias permanentes e/ou contratadas a prazo.» [MEDEIROS I. E. e BANDARRA P. M. 2014]

A partir de meados dos anos 30 as empresas foram obrigadas a integrar pelo menos 25% dos operários no seu quadro de pessoal (variando com as áreas geográficas e os CCT celebrados com os sindicatos); escusado será dizer que as empresas apenas integravam essa percentagem mínima obrigatória.

«Em 1957 os preços do peixe, do azeite e da folha (lata) constituem mais de 75% do custo de produção, cerca de 30% para o peixe, enquanto os encargos com a mão-de-obra cifram-se em 10% do custo total de produção.»

[RODRIGUES JMV 1997]

O quadro inferior dá-nos uma ideia das remunerações do operariado, nos diferentes centros conserveiros do Algarve para o ano de 1903.

À direita: Pormenor do cartão de ponto, que era picado no relógio à entrada e saída, dando conta do trabalho ao Domingo.

Decadência da Indústria Conserveira

O declínio desta actividade resultou de vários factores: concorrência marroquina; escassez de pescado (especialmente de atum); aumento dos custos de produção; inexistência de modernização da frota pesqueira e da própria indústria conserveira.

No caso de Lagos, estes factores foram agravados pela inexistência de um porto de pesca.

A ESCASSEZ DE PEIXE NO ALGARVE

A falta de determinadas espécies de pescado no Algarve, tais como o atum, aliás já prevista, a sardinha e o biqueirão, continua a preocupar seriamente a indústria.

«A Capital» 27/5/68

Entre 1947 e 1950 os industriais franceses estabelecem-se em Marrocos. Agadir acolhe cerca de 60 fábricas de conservas.



Coll. Lecreux

1952-3

Quartier des
Conserveries

4- Conserverie AMADIR. 4a- Orgaminier. 5- Usine SPM Guano USM. 17- Usine PICA. 18- Usine ATLANTIQUE. 19- Usine COLIMAR (KERMAREK, CADEX). 20- Usine PETITJEAN. 21- Usine Guano TRISTAN. 22- Usine Guano CHEICA. 23- Usine LEMARCHAND. 24- Conserverie de GUYENNE. 25- Usine PECOMAN. 26- Usine VERGARA (Consulat d'Espagne). 27- Usine TABARCA. 28- MACARA. 29- Conserverie d'ARMOR. 30- Usine COMAN. 31- Usine PCM. 32- 33- Usine AMIEUX. 34- Usine TASSERGAL. 40- Usine Alfred CHANCERELLE (Guerlesquin et Chacun). 41- PRADAG. 42- La CONSERVE Océane. 48- Sté BONNESCAT. 49- Usine LAHLOU. 50- Usine DUPONT CUVÉLIER. 51- Usine FOURMENTIN. 52- Usine SAUPIQUET. 53- Usine DELORY.

Decadência da Indústria Conserveira

A indústria conserveira algarvia atingiu o seu apogeu em meados do século XX. Em 1945 existiam 246 unidades fabris no Algarve.

O declínio desta actividade resultou, em grande parte, da concorrência marroquina. Os franceses estabelecidos em Marrocos, onde os custos de mão-de-obra eram baixíssimos, tomaram muitos dos mercados anteriormente ocupados pela nossa indústria conserveira.

Do mesmo problema se queixara a França em 1931: «o deputado Lissar sublinhava a crise que atravessava a indústria de conservas francesa com repercussões gravosas nos pescadores... e a razão essencial desta crise residia na concorrência estrangeira, sobretudo da parte de Portugal e da Espanha» [RODRIGUES JMV 1997]

Entre 1947 e 1950 grandes empresas conserveiras francesas - principalmente da Bretanha e de Nantes - como Amieux, Canet, Delory e Saupiquet, estabelece-se em Marrocos.

Das 95 fábricas de conservas instaladas nesse período, mais da metade ficou localizada em Agadir. Considerando que em 1946 não existia nenhuma fábrica nesta cidade - apenas contava uma oficina de salga (Estiva) -, este *boom* fabril evidencia como Marrocos se afirmou como um novo Eldorado para os industriais franceses.

Também a escassez de sardinha verificada nos anos 60 e o fim das capturas do “atum de direito” na década de 50 e do “atum de revés” em inícios da década de 70, bem como o elevado e súbito aumento dos custos de produção (quer devido à crise petrolífera de 1973¹, quer ao imperativo de dignificar o trabalho operário com melhores salários, a partir de 1974²) constituíram importantes factores para o declínio da actividade.

Recenseamos ainda outras fragilidades, de cariz estrutural, que contribuíram para esta decadência: a ausência de modernização da frota pesqueira; a inexistência de uma funcional rede de frio³; e a obsolescência tecnológica das unidades fabris que, na sua maioria, nunca concretizaram mais do que tímidos ensaios de modernização.⁴

No caso de Lagos, estes factores foram agravados pela inexistência de um porto de pesca, uma velha aspiração local, muitas vezes reclamada mas que só tardiamente foi cumprida. O facto de várias empresas terem encerrado as suas unidades de Lagos, embora as mantivessem a funcionar noutros locais, poderá ter sido uma das consequências desta limitação: empresas F. Delory, Fialho, Paolo Cocco, Algarve Exportador, UCAL.

Sobre as dificuldades do comércio da sardinha, estas colocaram-se logo de início. Veja-se o problema das falsificações: «Portugal, país que em 1912 exportava mais sardinha em conserva, era, portanto, o mais prejudicado com a denominação falsa de sardinhas em latas contendo *sprat*, arenque, biqueirão e chicharro, entre outros. Esta “fraude” era praticada, para além da Noruega com os *sprat*, pelos Estados Unidos que atribuíam a designação de sardinha às conservas feitas com pequenos arenques e pelo Japão que utilizava peixes parecidos com a espécie tão desejada. Estes países vendiam aqueles produtos em concorrência com os fabricados com a verdadeira sardinha.

Já em 1909, no Congresso de alimentação realizado em Paris, se discutira a situação dos Estados Unidos neste assunto e, em 1912, os industriais franceses estavam dispostos a fazer valer os seus direitos, intentando processos na Inglaterra e na Alemanha contra aqueles que pretendiam iludir os consumidores de sardinhas, prejudicando a verdadeira indústria. M. Angus Watson, defensor no processo que decorria em Inglaterra contra os fabricantes noruegueses que enlatavam *brisling* e *sprat* [sardinela e espadilha] sob a designação de sardinha, numa tentativa de salvaguardar os interesses dos seus constituintes, pretende que a palavra sardinha não fosse dada exclusivamente a um determinado peixe mas a todos os pequenos peixes conservados em azeite, dentro de latas, acrescentando que, em épocas remotas, se chamava também sardinha ao atum.»

[QUINTAS Maria da Conceição 1998]

NOTAS:

¹ A Crise petrolífera de 1973 reflete-se nos preços do fuelóleo, da electricidade, dos transportes, etc.

² A dignificação do operariado e também a ocorrência de algumas nacionalizações que, obviamente, foram mal aceites pelo conjunto empresarial.

³ «*Como se sabe, a situação do sector conserveiro (de grande importância para a economia nacional, designadamente pelo seu contributo para a entrada de divisas) é grave. No entanto, continuam a não ser adoptadas medidas de desenvolvimento da nossa frota pesqueira (designadamente da pesca da sardinha) e de criação da rede nacional de frio, indispensáveis para a sua recuperação.*» (...) c) *Qual a política definida pelo Governo para o sector da indústria de conservas em Portugal? Que medidas tenciona tomar, tendo em vista o desenvolvimento da pesca da sardinha? Qual a posição adoptada pelo Governo face à questão da rede nacional de frio?*» [Assembleia da República, 9 de Maio de 1980. — Os Deputados do PCP: Ercília Talhadas — Carlos Espadinha. In D. R. II SÉRIE - NÚMERO 55 – 10 Maio 1980, Página 868]

⁴ Veja-se o caso das máquinas de descabeçar, de fabrico sueco, que exigiam constante afinação devido à variação do calibre das sardinhas; e da máquina de “bater lata” – máquina que pesava as latas de cheio e separava, por jacto de ar comprimido, as que saíam fora da bitola/margem programada; que num e noutro caso raramente alcançaram uma optimização de funcionamento, quer por não se adequarem cabalmente às especificidades da produção de cada unidade fabril, quer por falha de formação adequada aos operários.

Economia

O passado e o presente da Indústria Conserveira

Exportação de conservas (90% sardinha) Das vésperas da 1ª Guerra ao final da 2ª Guerra

Silva A. R. 2014 e HENRIQUES F. 2016

Ano	Quantidade (em milhares de toneladas)	Valor (em contos)
1913	25.79	2.484
1919	40.83	22.937
1920	-	40.949
1923	53.59	-
a partir de 1924	A valorização do escudo levou à queda significativa das exportações.	
1933	30.4	-
1939	46.2	-

Durante a II Guerra Mundial o Algarve atravessou uma época de escassas capturas – podemos considerar como anos maus para a pesca, 1939, 1940, 1941 e 1942, e como anos bons 1943 e 1944 e regular 1945 – obrigando os seus barcos a comprar peixe em outros centros ou aventurarem-se a capturá-lo noutros mares. O pescado desembarcado no Sul, entre 1938 e 1945, diminuiu 23,65% embora o seu valor tivesse aumentado extraordinariamente, 307,7%, valorização relacionada com a conjuntura de guerra que então se atravessava. A caixa de conservas, que antes do deflagrar da guerra valia entre 60\$00 e 70\$00, em 1941 chegou a ser vendida acima dos 600\$00. [RODRIGUES JMV 1997]

Portugal continua a produzir conservas de peixe, já não à escala do passado mas num nicho de qualidade cujo sucesso permite encarar o futuro com algum optimismo.

Eis alguns números da área da Economia, quer sobre o passado áureo da indústria quer sobre a situação actual, e de um futuro que poderá ser promissor para a actividade, particularmente com a dinâmica da gastronomia gourmet e os mercados da nostalgia, realidades responsáveis pelo surgimento de pequenas produtoras no Algarve, a par de uma unidade industrial de escala continental laborando na conservação pelo frio – estabelecida em Lagos - factores que garantem novas páginas a adicionar à história da actividade conserveira em Lagos e no Algarve.

Dados de 2015 Revista Visão Economia - 2016.08.26

Existem 20 unidades fabris a produzir conservas de peixe em Portugal

Exportaram-se 52 mil toneladas de latas para mais de 70 países, representando 200 milhões de euros

A empresa Ramirez produz 45 milhões de latas por ano que rendem 30 milhões de euros

Em Portugal consumiram-se 34 mil toneladas de conservas de peixe, correspondendo a 150 milhões de euros

As conservas de peixe estão em 4º lugar no ranking do sector agroalimentar, atrás do vinho, azeite e tomate



NOVEMBRO 2018

Suinformação

Aljezur espera vender 20 a 21 toneladas da «verdadeira batata-doce» no Festival

Por Pedro Lameira | 12 de Novembro de 2018 | 14:00

«Este ano temos algumas novidades, como a apresentação de duas conservas: uma de alcagoita de Aljezur com cavala e outra de batata-doce com atum»

A Fotografia, a Fábrica e a Cidade

Para além da capacidade de oferecer informação, a fotografia possui um aspecto ordenador da paisagem, constituindo-se como uma forma de conhecer o mundo. Porém, uma fotografia não ultrapassa o resultado daquilo que foi possível ver no momento em que foi registada e que resulta exclusivamente da experiência de vida, da capacidade de olhar, e das opções do fotógrafo.

Por isso acreditamos que a imagem é sempre resultado de um processo de manipulação humana, mesmo sendo criada por um dispositivo mecânico, acrítico e descomprometido, como o é uma máquina fotográfica.

Uma fotografia é o registo de um momento em que algo que Foi se inscreve num Agora determinado pelas condições actuais de compreensibilidade.

Por esse motivo a interpretação de uma fotografia - que é uma representação e não uma reprodução do passado -, abre inúmeras possibilidades interpretativas pois essa fotografia não é a revelação cabal do real mas, tão-somente, o levantar de uma ponta do véu dessa realidade.

Mais do que sugerir uma apreciação factual e histórica da existência das unidades fabris, as imagens são um exemplo da contribuição da Fotografia para o questionamento da visualidade da cidade.

Mas, porque a Fotografia não mostra tudo - não nos mostra, por exemplo, o que sentiam e pensavam os habitantes -, resta-nos especular sobre o impacto das fábricas no quotidiano, a proximidade física dos seus edifícios, os cheiros que exalavam e os fumos que expeliam pelas suas chaminés.

restam memórias... e chaminés



um sorriso na pausa do almoço

Desaparecidas as fábricas de outrora restam-nos as memórias de uma indústria condenada pela marcha do tempo e pela ausência de planificação e modernização; e os seus últimos testemunhos materiais, as chaminés, imponentes estruturas que outrora expeliam fumos que riscavam os céus, e que hoje albergam emblemáticos inquilinos alados.

E se em muitos pontos do globo a chaminé que domina a paisagem é uma excrescência da civilização industrial, um apêndice incómodo que emite dejectos voláteis, no Algarve ela é ainda uma presença admirável, uma mensageira entre o passado e o presente, como um dedo gigantesco apontado ao alto, sentenciador.

Um agradecimento a todas as pessoas que prestaram depoimentos fundamentados na sua vivência pessoal ou recebidos de outros que viveram em épocas mais remotas; e particularmente ao Arqº Armando Amaro que, no âmbito das investigações para a sua tese de Mestrado, partilhou documentação variada e foi um pródigo interlocutor, especialmente sobre as localizações das antigas fábricas de Lagos.

Lagos, Março de 2019
Francisco Castelo



... como um dedo gigantesco...



Lagos - 100 anos de indústria conserveira - “a memória em imagens”

Francisco Castelo *

Fontes consultadas:

- ABECASSIS, Duarte “Estudo Geral Económico e técnico dos Portos do Algarve”.- Junta Autónoma do Porto Comercial de Vila Real de Santo Antonio – Porto, 1926
- Anuário Comercial, 1957
- Almanaque do Algarve, 1944
- Boletim da Direcção-Geral dos Serviços Industriais de 22 Maio de 1956
- Catálogo da exposição “Mulher...operária conserveira”, CML, Lagos, 2005
- CASTELO Francisco “Ao Toque da Sirene” in Agenda de eventos “5entidos”, Câmara Municipal de Lagos, Agosto 2010.
- FABIÃO Carlos “Estácio da Veiga e a exploração de recursos marinhos no Algarve, em época romana” Xelb Nº 7, Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve, Silves 2006
- GONÇALVES Nuno Fernandes, SILVA Filipe Alexandre Pinto, FIGUEIRA DOS SANTOS Rui Emanuel Neves “INDÚSTRIA CONSERVEIRA: MEMÓRIAS DA TERRA E DO MAR” - Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna in JORNADAS DO MAR 2004 – “O MAR: UM OCEANO DE OPORTUNIDADES”
- Grande Anuário de Portugal, 1944
- HENRIQUES Francisco “A Organização Nacional das Conservas de Peixe: economia dos interesses e ordenamento corporativo (1927-1938)” in Corporativismo e doutrinas sociais – Estudos do Século XX, Nº 16 – Universidade de Coimbra, 2016
- Liste des conserveries / salaisons / sous-produits - Anza de 1948 à 1960 - consulta em linha em 2018.10.16 in <http://mfd.agadir.free.fr/Anza/conserveries/liste%20des%20usines.html>.
- MEDEIROS I. E. e BANDARRA P. M. “Conservas de peixe na Lusitânia. O quadro produtivo da Boca do Rio e das restantes *cetariae* do Algarve” in ANALES DE ARQUEOLOGÍA CORDOBESA núm. 25-26 (2014-2015)
- MENDES José Pereira “História da Escola Secundária de Gil Eanes” ESGL, Lagos, 1994
- MORÁN Elena “Notas sobre testemunhos de povoamento antigo em Lagos” in site do CEMAL, consulta em linha em 2018.09.02 <https://sites.google.com/site/cemallagos/elena-moran-colaboradora/notas-sobre-testemunhos-de-povoamento-antigo-em-lagos>
- NEVES Pedro José Marto “Grandes Empresas Industriais de um País Pequeno: Portugal. Da Década de 1880 à 1ª Grande Guerra” – Dissertação para doutoramento em História Económica e Social – Instituto Superior de Economia e Gestão, Univ. Técnica de Lisboa, 2007
- QUINTAS Maria da Conceição “Setúbal, Economia, Sociedade e Cultura Operária 1880-1930”, Livros Horizonte, 1998
- PEREIRA Daniela “A evolução urbana de Lagos” – Centro de Estudos de Património e História do Algarve, UAlg 2013
- REBELO M. J. F. “As Indústrias de Pesca e Conservas de Atum no Algarve do Século XX - Tese de Mestrado, Universidade do Algarve, 2010
- RODRIGUES Joaquim Manuel Vieira “A Indústria de Conservas de Peixe no Algarve (1865 – 1945). Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Lisboa 1997.
- RODRIGUES Joaquim Manuel Vieira “O Algarve e a Grande Guerra, a questão das subsistências (1914 – 1918)” Dissertação de Doutoramento em História – F.C.S.H. Universidade de Lisboa, 2010
- SCEARCE Carolyn “European Fisheries History: Pre-industrial Origins of Overfishing” - <http://www.csa.com/discoveryguides/discoveryguides-main.php>
- SERRA Jorge Miguel Robalo Duarte “O Nascimento de um império conserveiro: A Casa Fialho”, Tese de Mestrado em História Contemporânea, FLUP, 2007
- SILVA Ana Rute “A 1ª Guerra Mundial deu lucros, muitos lucros, à indústria das conservas” Revista Ipsilon, jornal Público, 31 Agosto 2014
- VALENTE Vasco Pulido “Os conserveiros de Setúbal (1887-1901)” Análise Social, vol. XVII, 1981
- VASQUES, José Carlos “A Rua da Porta de Portugal”, sítio do CEMAL, consulta em linha em 2018.09.02 in <https://sites.google.com/site/cemallagos/jose-carlos-vasques/rua-da-porta-de-portugal>

Depoimentos: Adélia Figueiredo, António Mariano; Armando Amaro; Armando Matias; Benilde Maria; Delmiro Barros; Frederico Paula; Joaquim Paleta Marreiros; Joaquim Vicente; João Pedro Pimenta; José António Carrasquinho; José Carlos Vasques; José Fernando Figueiredo Luís; José Mariano; José Oliveira; José Paula Borba; José Santos; José Veloso; Maria Leopoldina Carvalho; Maria João Caetano; Maria João Carmo; Mário Januário; Pedro Parreira Cruz; Rosalba Anello; Vivaldo Ribeiro.

Fotos, Gravuras e Documentos: Arquivo Documental da C.M. de Lagos; Ante-Plano de Urbanização de Lagos de 1957, cedidas pelo Urb. Nuno Marques (CCDR-Alg); Anúncios de Fábricas em Revista Costa D’Oiro (1935 – 1939); Arquivo da Fototeca Municipal de Lagos; Reprodução de excertos da Planta da Cidade de Lagos do Cap. Frederico Rato, 1924 – Museu Municipal de Lagos; Planta do Rossio de S. João utilizada nos Estudos de Reabilitação Urbana da Cidade de Lagos, conduzidos pelo Arq. Rui M. Paula; Suplemento Algarve do Jornal da Europa, de 1924; Plantas dos processos de licenciamento de Fábricas no Algarve, arquivos da 5ª Circunscrição Industrial (1924), cedidos por Armando Amaro; Arquivos do Restaurante Can The Can; Grandes Anuários Comerciais de 1944 e 1957; Colecção de documentos de Maria da Glória Duarte Vieira; fotógrafo João Correia; fotógrafo João Ventura; fotógrafo Mário Silva.

Latas de conserva de 1979 da marca SOGAL: Fábio Câmara (Funchal)

* *Fotógrafo - Bac. História – PG. Direito da Adm. e Gest. Autárquica*